



PUC
RIO

ROSA JENI MATZ

O SIMBOLISMO NA PSICANÁLISE FREUDIANA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1983

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 M446 TESE UC
Título O simbolismo na psicanálise freudiana



Ex.1 PUCB

0031274

BC — PUC

DOAÇÃO

ROSA JENI MATZ

O SIMBOLISMO NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Tese apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ co-
mo parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre
em Psicologia.

Orientador: Carlos Paes de
Barros

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1983

201



150

17446

11. EUC

A meu filho Igor

MEUS AGRADECIMENTOS

- a Carlos Paes de Barros, pelo estímulo, clareza e benignidade com que orientou esta tese.

- ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pela confiança depositada.

- a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (C.A.P.E.S.), pela ajuda financeira recebida durante o curso.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tentar sistematizar e clarificar o problema do simbolismo na psicanálise freudiana.

A partir de um estudo mais preciso do simbolismo elaborado por Langer, fizemos um exame crítico das contribuições de Freud, Jones e Lorenzer, focalizando os conceitos de simbolismo, individual e universal, suas ocorrências na histeria e no sonho, e suas relações com os mecanismos de regressão, repressão e sublimação.

E concluímos que por ser superdeterminado, o símbolo está sujeito a superinterpretação.

ABSTRACT

This work aims at trying to systematize and make clear the problem of symbolism in the Freudian psychoanalysis.

A more accurate study of Langer's symbolism was taken as a starting point for a critical examination of Freud's, Jone's and Lorenzer's contributions specially focused on concepts of symbolism, individual and universal, as well as on their incidence on hysteria and dream, their relations to mechanisms of regression, repression and sublimation.

We have arrived to the conclusion that, being super-determined the symbol is subject to super-interpretation.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
O SIMBOLISMO SOB UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA	4
CAPÍTULO II	
O SIMBOLISMO NA NEUROSE HISTÉRICA	21
CAPÍTULO III	
O SIMBOLISMO NOS SONHOS	37
CAPÍTULO IV	
O CONCEITO DE SÍMBOLO NA PSICANÁLISE CLÁSSICA: DE FREUD A JONES	70
CONCLUSÃO	96
BIBLIOGRAFIA	106

INTRODUÇÃO

Etimologicamente, para os gregos o símbolo era um sinal de reconhecimento. Michel Foucault (5), estudando o problema do poder na tragédia grega Edipo Rei, diz que o símbolo grego era "um instrumento de poder que permite a alguém que detém um segredo ou um poder quebrar em duas partes um objeto qualquer de cerâmica etc., guardar uma das partes e confiar a outra parte a alguém que deve levar a mensagem ou atestar sua autenticidade. É pelo ajustamento destas duas metades que se poderá reconhecer a autenticidade da mensagem ..." (p.30). Paul Ricoeur (29), também afirma, que "... o símbolo é no sentido grego do termo, um "enigma". Heráclito diz: "O Mestre cujo oráculo está em Delfos, não fala, não dissimula. Significa."O enigma neste sentido, não bloqueia a inteligência, mas a estimula, pois há algo a resolver," a desimplicar no símbolo", e "... é justamente o duplo sentido, a visada intencional do sentido segundo, no e pelo sentido primeiro, que suscita a inteligência... A interpretação pertence organicamente ao pensamento simbólico e a seu duplo sentido".(p. 26).

Atualmente, o conceito de símbolo é utilizado em diferentes áreas do conhecimento humano, inclusive pela psicanálise, onde encontramos este termo empregado em vários sentidos. A partir da constatação da falta de univocidade no uso do conceito de símbolo na obra de Freud, começamos a perceber a necessidade de sistematizar esse conceito dentro da teoria psicanalítica.

Este trabalho terá como base e eixo central as obras de Freud, que representam os fundamentos essenciais da psicanálise, aprofundando-se nos trabalhos dedicados à histeria e aos sonhos, onde o simbolismo é estudado mais especificadamente por Freud. Embora o conceito de símbolo seja empregado por outros estudiosos da psicanálise nos deteremos na leitura da obra freudiana por dois motivos: primeiro, o limite de tempo não nos permite o estudo de outros autores, como Jung e Lacan, cujas obras contêm importantes contribuições sobre este tema; e segundo, pelo nosso interesse de um estudo mais profundo da obra psicanalítica freudiana. Para a complementação desse estudo procuramos nos apoiar nos trabalhos filosóficos de Langer e Cassirer sobre o conceito de símbolo, e nos trabalhos de Jones e Lorenzer sobre o simbolismo em Freud.

Na psicanálise freudiana encontramos diversas tentativas de conceituar o símbolo, através dos conceitos de símbolo mnêmico e simbolização na histeria, e simbolismo individual e universal nos sonhos. Também, observamos técnicas de interpretar sonhos, como a utilização de uma técnica combinada, constituída pela associação livre do indivíduo que sonha e do conhecimento do simbolismo universal pelo intérprete do sonho. Agora, tanto na conceituação e na interpretação do simbolismo encontramos falta de clareza, gerando ambiguidades. Assim, esta dissertação será uma tentativa de estudar o desenvolvimento do conceito de símbolo num campo específico: a psicanálise freudiana.

O trabalho se construirá do seguinte modo: no primeiro capítulo estudaremos o pensamento de Susanne Langer sobre o simbolismo, que é considerado por ela uma nova chave para o conhecimento humano, sendo que a partir de sua visão de símbolo edificaremos os outros capítulos. O segundo capítulo será dedicado aos conceitos de símbolo mnêmico e simbolização, que se encontram nos trabalhos iniciais de Freud sobre a neurose histérica, acompanhando o estudo de Lorenzer sobre o simbolismo freudiano, que toma como base uma perspectiva evolutiva da obra de Freud. O terceiro capítulo versará sobre a explicitação dos conceitos de simbolismo individual e universal, e as respectivas técnicas de interpretação de sonhos. No quarto capítulo estudaremos as contribuições de Jones, onde o símbolo é tratado em conexão com os conceitos de repressão, sublimação, regressão e ideação inconsciente. Finalmente, na conclusão, serão discutidos os problemas levantados e as tentativas de solução propostas neste trabalho.

C A P Í T U L O I

O SIMBOLISMO SOB UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

Na obra "Filosofia em Nova Chave" (25) de Suzanne K. Langer, encontramos o conceito de simbolismo caracterizado como fruto de uma nova era posterior ao empirismo que até então imperava entre as ciências. A autora diz que "o empirismo genuíno é acima de tudo uma reflexão sobre a validade de nosso conhecimento sensorial, uma especulação sobre os modos como nos sos conceitos e crenças se edificam a partir dos informes fugazes e desconexos, que nossos olhos e ouvidos na realidade pres tam à mente". (p. 25).

Apesar do domínio do empirismo entre as ciências, a ciência da matemática se desenvolvia num caminho de pura razão, lidando com "dados" denominados "símbolos", e com entidades que são "conceitos". Com a evolução desse modo de pensar, a ótica científica sofre mutação: "O que é diretamente observável é apenas um signo do "fato físico", a interpretação faz-se mister para produzir proposições científicas. Acreditar não é simplesmente ver, mas ver e calcular, ver e tradu zir". (p. 31).

Langer considera os dados sensoriais como primeiramente símbolos, tornando-se então, o conhecimento humano "uma estrutura de fatos que são símbolos e leis que são seus signifi cados" (p.32), e não mais um conjunto de registros sensoriais.

Não só a filosofia se ocupa do símbolo. No mesmo momento, outros dois campos se desenvolvem, devido a descoberta da leitura do símbolo: a moderna lógica e a moderna psicologia. Na lógica, ocorre o surgimento de uma nova técnica, a lógica simbólica, e na psicologia, o advento da psicanálise. Ambas des cobrem a chave da simbolização, apesar de possuírem diferentes concepções de simbolismo. "Na noção fundamental de simbolização - mística, prática ou matemática, não faz diferença - temos a tônica de todos os problemas humanísticos. Nela, reside a nova concepção de "mentalidade", que ilumina questões de vida e consciência, em vez de obscurecê-las, como fizeram os "métodos científicos "tradicionais". (p. 35).

Alfred Lorenzer, em seu livro "Critica del concepto psicoanalítico de símbolo" (27), estuda a evolução do conceito de símbolo na obra freudiana demonstrando que de início, o símbolo mnêmico que se refere Freud é um símbolo não interpretável, fruto de um trabalho de associação simultânea. As concepções iniciais freudianas eram baseadas nas ciências naturais, na medicina e na psiquiatria. Depois o conceito de símbolo sofre alteração, que podemos associar a mudança ocorrida nas ciências, já citadas por Susanne Langer, e que na psicanálise se dá para uma atenção voltada para os "conteúdos subjetivos", através do processo de simbolização, apesar de Freud nunca ter abandonado completamente uma visão biológica do comportamento humano ^{*}.

* O trabalho de Lorenzer (27) será discutido em outro capítulo.

A simbolização segundo Langer seria a chave desse processo construtivo, modificando a ótica da psicologia. O olhar não se dirige mais para "os órgãos que constituíam a janela da mente". A inteligência do homem não é mais produto de impressão, memória e associação. "Não é uma sensibilidade superior, nem uma memória mais longa ou mesmo uma associação mais rápida que coloca o homem tão acima dos outros animais a ponto de que possa considerá-los habitantes de um mundo inferior: não, é o poder de usar símbolos - o poder da fala - que, o torna senhor da terra" (p. 38).

Langer cita vários autores como John Dewey, Bertrand Russell, Piaget, Koehler Koffka, Cassirer, Whitehead, que substanciam a sua pretensão de que o simbolismo seja a chave mental caracteristicamente humana, estando acima da animalidade: "Símbolo e significado constituem o mundo do homem, muito mais do que a sensação..." (p. 39).

O cérebro humano permite ao homem interpolar símbolos na lacuna da experiência direta, como também, através do uso de "signos verbais", adicionar as experiências de outra gente às suas próprias" (p.40). O uso de signos seria a primeira manifestação da mente, é uma função mental, o começo da inteligência. O desenvolvimento da linguagem de signos é paralelo ao desenvolvimento físico dos órgãos do sentido e da estrutura nervosa da sinapse. Consiste na transmissão de mensagens sensoriais aos músculos e glândulas, funcionando de acordo com o interesse das necessidades biológicas elementares: autoconserva -

ção , crescimento, procriação, preservação das espécies.

O homem se difere dos animais pela sua forma peculiar de usar signos, isto é, os signos não apenas indicam coisas, mas também as representam. São denominados de "signos substitutos": "em nossa experiência presente tomam o lugar de coisas que percebemos no passado, ou mesmo, de coisas que poderiam estar na experiência passada ou futura", e desenvolvem uma atitude para com "objetos in absentia" de "pensar em" ou "referir-se a" aquilo que não está presente. (p. 42).

Langer, então, afirma o seguinte: "Os signos utilizados nesta qualidade não são sintomas de coisas, mas símbolos. (p.42). Em que sentido estaria aí empregado o termo sintoma? Podemos pensar que o mecanismo da conversão na histeria, cujo resultado poderia ser uma paralisia, seria o sintoma da doença, um sinal da doença (no sentido dado ao termo por Langer), como também, símbolo do conflito psíquico. .

As palavras são signos utilizados para "conversar sobre coisas", e não, signos no sentido de sinais. Logo, as palavras não seriam sintomas (sinais) de coisas mas símbolos, pois focalizam objetos ausentes. Mas, as palavras, também, podem ser sintomas de coisas. No delírio se observa uma modificação na fala do indivíduo. A palavra se torna sintoma de doença, de psicose.

Freud no trabalho "O Inconsciente" (16), ao falar da palavra e da coisa, diz que "... a apresentação consciên

te, abrange a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que pertence a ela, ao passo que a apresentação inconsciente é a apresentação da coisa apenas". (p. 230). O que acontece na esquizofrenia é que a palavra fica presa num sentido, não existe flexibilidade. Ela se perde como símbolo, já que este se situa numa região de duplo sentido.

Paul Ricoeur, em "Da Interpretação: Ensaio sobre Freud" (29) diz que o homem de desejo empenha-se mascarado, sendo a linguagem distorcida: "quer dizer outra coisa do que aquilo que diz, tem duplo sentido, é equívoca" (pp.17,18). O sonho e seus análogos se situam numa região da linguagem: "o lugar das significações complexas onde um outro sentido ao mesmo tempo se revela e se oculta num sentido imediato". (p. 13).

A palavra está associada a uma língua: mas quando perde a estrutura da língua, ela se torna coisa. Para Freud a coisa "... consiste na catexia, senão das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas". (p. 223)

Um som, uma coisa, um gesto, um acontecimento significante pode ser um signo, como também um símbolo. Segundo Langer "um signo indica a existência - passada, presente ou futura - de uma coisa, evento ou condição". Exemplifica: "Ruas molhadas são um signo de que choveu. Um cheiro de fumaça significa a presença de fogo". (p. 67) . Estes são exemplos de signos naturais. O signo natural seria parte de um evento maior, signifi-

ficando "o resto daquela situação da qual constitui um traço notável", seria "sintoma de um estado de coisas" (p. 67).

Mas, Langer diz que há uma distinção entre signo e sintoma. Um sintoma indica um objeto que é a condição total; sendo que o sintoma é uma parte apropriada dele. Já o signo pode ser parte de uma condição total, que é associada a outra parte separada.

Como exemplo, podemos dizer que uma paralisia na perna é sintoma de histeria, e histeria é "a condição inteira" que gera e inclui a paralisia. Além da paralisia pode-se buscar outro signo, como um tique nos olhos, que é também parte de uma condição total, a histeria.

O símbolo é instrumento do pensamento. Um termo utilizado de um modo simbólico não exige uma ação correta como resposta a um objeto presente. Não é um sinal, um estímulo eliciando uma resposta. Mas sim, é um veículo para a concepção de objeto. Refere-se a uma concepção: "Falando acerca de coisas temos concepções a seu respeito, e não as próprias coisas; e são as concepções e não as coisas que os símbolos "significam" diretamente". (p. 70)

A diferença fundamental entre signo e símbolo está situada no modo de associação, e conseqüentemente, no seu uso como significado pelo sujeito. O signo anuncia o objeto, de mandã uma ação, enquanto que o símbolo conduz a concepção do objeto, lidando, assim com a ausência. Langer exemplifica. "Se

eu mencionar um Sr. Smith, nosso conhecido comum, podereis ser levado a dizer-me a respeito dele "as suas costas" que é justamente o que não faríeis em sua presença. Assim, o símbolo do Sr. Smith - seu nome pode muito bem desencadear um ato peculiarmente apropriado à sua ausência" (p. 70).

A palavra pode ser usada como signo, mas não é este o seu papel primário: "Seu caráter significativo precisa ser indicado por alguma modificação especial - por um tom de voz, um gesto (tal como apontar ou fitar), ou pela posição de um cartaz que apresenta a palavra" (p. 71). O seu papel primário é de ser um símbolo. A passagem do uso de signos para o uso de símbolos marca a diferença entre o animal e o homem, propiciando o crescimento da linguagem.

A autora considera o desenvolvimento da linguagem como "a história da acumulação e da elaboração graduais de símbolos verbais" (p.42). A fala, a linguagem, possui uma função representativa superior às vozes animais, pois permite cooperação entre indivíduos e focaliza objetos ausentes. A função simbólica da palavra se daria a partir de uma organização social.

Jacques Lacan, em "A Ordem Simbólica" (24), também afirma que o simbolismo sócio-cultural se impõe frente a criança como ordem já constituída, ordem terceira, que se organiza entre o sujeito e a realidade, sendo que a linguagem e o complexo de Edipo são fundamentais na formação da estrutura desta ordem.

Langer busca reconsiderar as necessidades humanas, fundamentalmente humanas, afastando-se de um modelo reducionista do comportamento humano ao animal. Considera a necessidade de simbolização como própria do ser humano sendo que a função de fazer símbolos é uma atividade primária da mente humana, do mesmo modo que comer, olhar, etc.

A simbolização seria o processo fundamental da mente humana. Cita Ritchie, em "A História Natural da Mente" onde afirma que o pensamento é um processo simbólico: "O ato essencial do pensamento é a simbolização". Langer comenta esta afirmação: "Pois se o material do pensamento é o simbolismo, então o organismo pensante deve estar fornecendo sempre versões simbólicas de suas experiências, a fim de permitir que o pensar prossiga." "Concluindo, então, que "a simbolização não é o ato essencial do pensamento, mas um ato essencial ao pensamento e anterior a ele". (p. 51).

A simbolização torna-se o ato essencial da mente e o pensamento é um dos seus produtos. O cérebro traduz experiências em símbolos, cumprindo uma necessidade básica, executando um constante processo de ideação. Este processo de ideação é precedido por um princípio de simbolização. As nossas idéias elementares são transformações simbólicas do material fornecido pelos sentidos. Algumas dessas idéias podem ser organizadas de um modo que resulta no raciocínio discursivo. Outras se encaixam em sonhos, fantasias, mitos, religião, etc.

Nesta concepção a simbolização seria pré-raciosa, mas não pré-racional, pois é fundamentalmente humana. A partir dela toda intelecção se desenvolve,"... sendo mais geral do que pensar, fantasiar ou empreender ação."

O cérebro é um transformador de experiências. As experiências que passam pelo cérebro são sugadas pela corrente de símbolos constitutiva da mente humana. Os atos manifestos humanos são governados por representações que são símbolos de várias espécies. A função de transformação simbólica da mente suscita uma forma de atividade manifesta: a expressão de idéias. Esta atividade é tipicamente humana, sendo responsável pelo "ritual, arte, riso, choro, fala, superstição e gênio científico".

A fala seria a atividade mais imediata deste processo de transformação simbólica, seria o término normal do pensamento. A mesma transformação se dá no ritual que nasce de uma necessidade elementar do cortex, não possuindo um propósito prático. É uma atividade espontânea.

Langer diz que o ritual não foi inventado, como também as línguas como hebraico, sânscrito etc. Sobre as formas de manifestação dos atos expressivos diz que são transformações simbólicas realizadas por mentes de determinadas espécies, num determinado momento histórico.

Franz Boas diz que "o comportamento do homem primitivo torna perfeitamente claro que todas estas linguísticas nunca chegaram à consciência e que, por conseguinte, cumpre buscar sua origem, não em processos racionais, mas em processos inteiramente inconscientes da mente" (p. 59).

Em Freud, também, o simbolismo é característica da ideação inconsciente, utilizado na representação do material sexual dos sonhos, e encontrado no folclore, nos mitos populares, lendas, frases idiomáticas, provérbios e chistes.

A autora diz que depois de um ano de publicação do livro de Boas, surgiu o trabalho "Totem e Tabu" de Freud, reconhecendo que os atos rituais não são genuinamente atos instrumentais, transportando com eles um sentimento de compulsão, e não de propósito. Langer diz que Freud demonstrou a dimensão simbólica dos atos rituais, que significam alguma coisa além daquilo que só é observado, que só é dado, logo não são simples instrumentos, medidas práticas; mas têm um sentido oculto, um sentimento de compulsão.

Em "Além do Princípio de Prazer" (18), encontramos a afirmação de Freud de que "... um instinto é um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas.." (pp 52,53').

A compulsão a repetição seria anterior ao princípio do prazer logo uma necessidade básica, como a de simboliza-

ção. A autora, tentando se aproximar do pensamento freudiano, diz que a necessidade de simbolização não é redutível a outras necessidades, é uma necessidade básica, respondendo a uma compulsão, e não a uma finalidade. Agora, discordamos da autora em relação a este tópico, pois Freud diz que o instinto pode responder a uma compulsão, mas também pode ter um objetivo, um fim.

Esta necessidade não seria um instinto? E o instinto não tem as características de força, origem, finalidade e objeto? E agora, em 1920: não teria a quinta característica de compulsão a repetição? Como afirma Freud: "No momento porém é tentador perseguir até sua conclusão lógica a hipótese de que todos os instintos tendem a restauração de um estado anterior de coisas". Os instintos de vida, de auto-conservação se tornam instintos de defesa contra a morte.

A compulsão a repetição, é, assim anterior ao princípio de prazer, que é a satisfação da necessidade. A compulsão é anterior à finalidade, que é a satisfação da necessidade. Ocorre uma tensão de uma necessidade dentro do indivíduo que busca a satisfação: o bebê tem fome (tensão da necessidade), a mãe lhe oferece o seio, ocorrendo a satisfação desta necessidade. Esta experiência de satisfação será repetida, buscando a restauração do estado anterior.

Depois, já tendo o controle mais desenvolvido, a criança repete para aprender. Seria uma repetição positiva.

Na neurose traumática, o indivíduo ao sonhar, repete a situação traumática para montar as defesas, vivencia as situações de angústia para aprender a lidar com a angústia. Logo, ele repete para controlar um evento incontrolável:

A criança, também, joga a ausência da mãe para aprender a lidar melhor com a situação de separação. Busca elaborar a experiência de desprazer pelo jogo. Busca o prazer, mas a procura é solitária, sem a presença da mãe. O carretel evoca a mãe, é o símbolo da mãe. É o que ocupa o lugar da ausência.

Mais tarde, a criança vai repetir o que já aprendeu, podendo fazer uso do aprendido. Aí, se uma necessidade for frustrada ocorrerá uma regressão a um estado anterior. A regressão, neste caso é sinônimo de repetição, já que vai repetir uma situação passada.

Retornando ao texto de Susanne Langer, encontramos uma crítica a concepção teórica de Carnap e outros positivistas lógicos, que não consideram estruturas simbólicas as emoções, afeições e desejos, mas sim, sintomas, sinais de vida interior. Ressalta que a linguagem discursiva não é a única forma de concepção simbólica da realidade: "A linguagem não é de modo algum nosso único produto articulado." (p.96).

Também, as formas visuais (linhas, cores etc.) são capazes de articulação, sendo que a diferença fundamental en

tre as formas visuais e a linguagem é que não são discursivas, mas se caracterizam por "... uma apresentação direta de um objeto individual" (p. 103).

Langer considera duas formas de simbolismo: discursivo e apresentativo. A linguagem é essencialmente discursiva, seus significados são compreendidos de uma forma sucessiva, e são reunidos num processo chamado discurso. Já as outras formas simbólicas se apresentam de modo simultâneo e integral.

Agora, Langer atribui a noção de racionalidade ao simbolismo apresentativo, pois considera a mente essencialmente racional, o que discordamos, pois a mente é também irracional. Se a autora ao falar de mente fala do que é psíquico, encontramos em Freud a premissa fundamental da psicanálise que é a divisão do psíquico em consciente e inconsciente. Em 1923 em "O Ego e o Id"(19), Freud diz que o ego também tem uma parte inconsciente: "Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder se tornado consciente"(p.30) . Assim, o psíquico é racional e irracional, já que o tem uma lógica própria, diferente da lógica racional do ego.

Entre as formas apresentativas Langer estuda o mito, dizendo que "o mito começa na fantasia que pode permanecer tácita por muito tempo, pois a forma primária da fantasia é o

fenômeno inteiramente subjetivo e particular do sonho". (pp.175,176)

Podemos questionar a colocação dada pela autora do sonho como uma forma primária da fantasia. Pretendemos dizer que tanto o mito, quanto o sonho, a fantasia, a manifestação transferencial, o sintoma neurótico e psicótico, etc., são formações de compromisso entre o desejado e o censurado. No sonho e no fenômeno psicótico há perda da realidade, enquanto que nos outros fenômenos permanece o contato com o mundo exterior.

O mito não parte do sonho, mas da fantasia. Parte do devaneio, do delírio. No Caso Schreber (14), Freud afirma o seguinte: "A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução." (p.95). A verdade encontra-se no delírio do sujeito, que pretende pelo delírio dar forma a realidade.

O sonho já é uma regressão a mais, tendo alucinação. É um processo ligado a percepção, enquanto que a fantasia se refere a memória.

Langer afirma que a forma mais primitiva de estória é uma narrativa de sonho, feita de material onírico: ".... nela as imagens são tomadas da vida, são coisas e criaturas, mas seu comportamento segue alguma lei inteiramente não-empírica, por padrões realistas, esse é simplesmente inadequado para eles" (p. 176). Mas, ainda assim, a estória é mais desenvolvida

que o sonho, pois"... o próprio ato de contá-la requer um pouco mais de coerência do que os nossos pesadelos possuem usualmente" (p.177).

O avanço das artes, da vida e da organização social, propiciam a conversão dos enredos simples em conto de fadas entre os habitantes primitivos de continentes desconhecidos, que mais tarde vão ser produzidos pelas raças civilizadas européias.

Entretanto, este caminho percorrido pela fantasia não conduz a mitologia. O mito não é um desenvolvimento superior ao conto de fadas. Também, remonta a fantasia primitiva, muito antes até do surgimento do conto de fadas moderno, europeu.

Jane Harrison diz que o "instinto de fazer mitos" (p.179), necessitou de um deslocamento temático, e não de uma evolução da narração de histórias. Seriam dois troncos se desenvolvendo a partir da fantasia.

Estes dois modos ficcionais tem diferenças marcantes. O conto de fadas é irresponsável, imaginário, tendo o objetivo de gratificar desejos, compensar as deficiências e frustrações da realidade. O mito é aceito com seriedade religiosa, tanto como fato histórico, como verdade "mística". Seu tema é trágico e não utópico, seu palco é o mundo real, e o seu propósito não é a distorção da realidade, mas sim uma visualização

séria de suas verdades fundamentais" (p. 180) tendo uma orientação moral. O que o mito simboliza pertence ao mundo real, enquanto que o conto de fadas transporta o indivíduo para fora da realidade.

Langer diz que o material do mito e do conto de fadas é o simbolismo já encontrado no sonho, apresentando ambos símbolos para pai, mãe, filho, nascimento, morte etc. Agora o modo de usar este material é que marca a diferença: "um, primariamente para fornecer experiência vicária, o outro essencialmente para entender a experiência real." (p. 181).

E. Bethe, em seu trabalho "Mythus-Sage- Maerchen"* (1905) escreve o seguinte: "O mito, a lenda e o conto de fadas diferem entre si quanto a origem e o propósito. O mito é filosofia primitiva, a forma apresentativa (anschauliche) mais simples do pensamento, uma série de tentativas de entender o mundo, de explicar a vida e a morte, o destino e a natureza, os deuses e os cultos. A lenda é história primitiva, formulada de modo ingênuo em termos de amor e ódio, inconscientemente transformada e simplificada. Mas o conto de fadas não brotou de nenhum outro motivo exceto o entretenimento e só a ele serve" (p.181).

Langer diz que a lenda faz parte do processo de evolução natural do conto de fadas para a mitologia, com a introdução dos primeiros símbolos cósmicos.

* cit. in Langer (25)

A produção do mito começa com "o reconhecimento da significação realística em uma estória" (p.182). É a fase primitiva do pensamento metafísico, a corporificação inicial de idéias gerais. Somente introduz e apresenta as idéias, não busca abstrações: "O mais alto desenvolvimento de que o mito é capaz é a exposição da vida humana e da cósmica que a poesia revela. Não podemos abstrair e manipular seus conceitos mais além, dentro do modo mítico" (p. 202).

A filosofia, já seria, uma consequência da exaustão do modo mítico: "... a religião natural é suplantada por uma forma discursiva e mais literal de pensamento, isto é, a filosofia" (p.202) . A indagação sobre a verdade do mito conduz a mudança do pensamento poético para o discursivo.

CAPÍTULO II

O SÍMBOLO NA NEUROSE HISTÉRICA

O conceito de símbolo na obra freudiana evolui de acordo com o desenvolvimento da psicanálise. Encontramos na trajetória percorrida por Sigmund Freud, o símbolo empregado em diversos sentidos que refletem a perspectiva teórica do autor num determinado momento de sua obra.

Alfred Lorenzer, em seu livro "Crítica del concepto psicoanalítico de símbolo"(27), assinala que o conhecimento do caminho histórico percorrido pela psicanálise auxilia a compreensão do conceito de símbolo psicoanalítico, como também a posição ocupada por este conceito na psicanálise não permite a redução da perspectiva psicoanalítica às determinações conceituais extra psicoanalíticas, necessitando a demarcação dos limites que separa este conceito em outras ciências. Afirma o seguinte: "Quem empreenda o estudo do conceito psicoanalítico de símbolo deve começar por sua história, delineando-a com tanto maior cuidado quanto que daí derivam as mais sérias consequências. Vestigia terrent. Não por acaso os primeiros desvios e cisões-Silberer, Stekel, Maeder, Jung - arrancaram de uma manipulação de conceito de símbolo"(p. 14).

Nos trabalhos iniciais de Freud (7,8,9), o símbolo aparece como símbolo mnêmico, que segundo Laplanche e Pontalis (26), seria "expressão muitas vezes utilizada nos primei-

ros escritos de Freud para qualificar o sintoma histérico". Seria empregado como sinônimo de sintoma mnêmico. O sintoma histérico e então definido como "símbolo mnêmico do traumatismo patogênico ou do conflito" (pp. 631,632).

Lorenzer afirma que neste momento as concepções freudianas eram baseadas nas ciências naturais, na medicina e na psiquiatria francesa, que influenciaram a concepção de símbolo. A proposição inicial de Freud era o que denomina de uma psicologia empenhada em reduzir sem resíduos todos os conteúdos a "funções", quer se tratar de processos físicos ou de processos fisiológicos." (p. 15).

Assim, nesta fase, o conceito de símbolo é apresentado sob uma perspectiva mais fisiológica, que vai se modificar através de novas descobertas psicanalíticas apesar de já termos afirmado no capítulo anterior, que achamos que Freud em seus trabalhos posteriores não abandona completamente esta visão.

Tanto o símbolo como o sintoma surgem, segundo Lorenzer, "... como símbolo de uma vivência traumática, e "símbolo" tem então manifestamente o significado de "signo" que substitui outra coisa por via de metáfora, e que não tem senão uma função dupla. O símbolo só assinala um acontecimento, indica um decurso psíquico, mas não o representa: "Aqui se trata da datação de um fato, não da apreensão de um sentido." (p.15).

Assim, o símbolo mnêmico é formado quando um engrama fica no lugar do outro engrama por um processo de associação simultânea. Lorenzer diz que o símbolo mnêmico se distingue dos outros conceitos posteriores de símbolo pela ausência de referência ao conteúdo, sendo empregado como "sinalização temporal": "O signo não tem de expressar nada do designado, indica exclusivamente a ocorrência de um determinado acontecimento (alterado no sentido traumático), portanto o símbolo mnêmico não é interpretável. Não é lícito indagar seu sentido, senão que se deve tomá-lo como mero código e, por certo, como um código cuja chave se desconhece" (p. 16).

Esta perspectiva se aproxima da visão de Susanne Langer sobre a distinção, que faz entre sintoma e símbolo. O símbolo mnêmico teria o sentido de sintoma para a autora, como já vimos no capítulo precedente, que diz que o sintoma é sinal de alguma coisa, indica um determinado evento. Logo o símbolo mnêmico é empregado no mesmo sentido do termo sintoma explicitado por Langer, um signo que anuncia um objeto, que demanda uma ação, mas não conduz a uma concepção do objeto, embora lembremos que este tipo de símbolo tem, também, o sentido simbólico, já que pode ser símbolo do conflito psíquico, dependendo da perspectiva que se olha.

O símbolo mnêmico é formado por um processo de associação simultânea que se encontra na obra de Freud em seus primeiros casos clínicos apresentados nos "Estudos sobre a Histeria" (8). No caso de Fraulein Elisabeth von R., Freud afirma o

seguinte: "Talvez possamos supor que a paciente fizera uma asso ci ção entre as suas impressões mentais dolorosas e as dores cor por ais que sentia ao mesmo tempo, e que agora em sua vida de lembranças, estava usando suas sensações físicas como símbolo das mentais." (p. 193).

Também em Lucy R. se observa o símbolo como uma atribuição contingente do signo ao designado: "O conflito entre as suas emoções havia erigido o momento da chegada da carta em trauma, e a sensação de cheiro que estava associada a este trauma persistiu como seu símbolo" (p. 163). E no caso de Rosalia H.: "As sensações nos dedos poderiam ser explicadas nesse caso por um impulso reprimido em puní-lo, ou simplesmente por tê-lo massageado na ocasião. Foi somente depois de relatar essa cena, que ela chegou à do dia anterior, depois da qual as sensações e as contrações nos dedos sobrevieram, como um símbolo mnê mico recorrente" (pp. 221, 222).

No "Projeto para uma Psicologia Científica" (7), ao estudar o fenômeno da compulsão histérica, que se dá pela presença de "idéias excessivamente intensas "na consciência cujo sentido é ininteligível, Freud apresenta o mecanismo da formação do símbolo ", ao analisar a relação entre duas idéias A e B. A é uma idéia "excessivamente intensa" que surge frequentemente na consciência, e B é a idéia reprimida descoberta depois do processo de análise: "B mantém certa relação particular com A.

Pois houve uma ocorrência que consistiu em B + A. A foi uma circunstância ocasional, ao passo que B estava apta para causar o efeito permanente. A reprodução desse fato na lembrança agora se efetua como se A tivesse ocupado o lugar de B. A tornou-se uma substituta, um símbolo de B. Daí a incongruência: A é acompanhada de consequências que aparentemente não merece, que não se enquadram com ela." (p. 459).

O paciente histérico não tem consciência do processo de associação entre estas idéias: "O histérico que chora por causa de A, não percebe que isto se deve à associação A=B, sendo que B não desempenha o menor papel em sua vida psíquica. Neste caso a "coisa" foi completamente substituída pelo símbolo". (p. 140).

Agora, Freud diz que a formação de símbolos também se processa normalmente. Cita os seguintes exemplos: "Um soldado se sacrifica por um farrapo multicolor preso a um mastro porque isto se transformou para ele, no símbolo de sua pátria e ninguém acha que seja neurótico". (pp. 459, 460).

Mas a repressão histórica ocorre através da ajuda da formação simbólica, "do deslocamento para outros neurônios" (p.465) . Lorenzer procura demonstrar, citando Holt (22) que esta concepção de Freud se aproxima de uma visão fisiológica, reducionista, da psicanálise, embora ressalta o surgimento, pela primeira vez, de dois conceitos que se aproximarão cada vez mais na obra de Freud, que são "símbolo" e "deslocamento".

Neste mesmo trabalho, Freud traça uma distinção entre histeria e neurose obsessiva. Afirma que "... quando chegamos à análise da neurose obsessiva, por exemplo, veremos que nela existe uma repressão sem simbolização, mais ainda, que a repressão e a substituição estão separadas cronologicamente" (p.463)

Podemos observar, no exemplo ilustrativo do papel desempenhado pela sexualidade na formação da neurose, o processo de repressão acompanhado do mecanismo de "formação simbólica". Aparece aí a idéia de "roupas", símbolo do conflito psíquico, que penetra na consciência de Emma no lugar do "atentado", evento que lhe despertou interesse sexual: "Todo o complexo..... estava representado na consciência pela única idéia de "roupas", evidentemente a mais inocente. Aqui houve uma repressão acompanhada de simbolização" (p. 467).

Em 1894, no artigo "As Neuropsicoses de Defesa"⁽⁹⁾ ao definir o conceito de conversão na histeria, onde "... a idéia incompatível é tornada inócua pelas transformações da soma de excitação em alguma coisa somática", Freud se refere ao conceito de símbolo mnêmico: "A conversão pode ser total ou parcial. Ela opera ao longo da linha da inervação motora ou sensória que é relacionada - ou intimamente, ou mais frouxamente - à experiência traumática. Desse modo o ego consegue libertar-se da contradição [com a qual é confrontado], ao invés disso sobrecarrega-se com um símbolo mnêmico que se aloja na consciência como uma espécie de parasita, ou sob a forma de uma inervação motora insolúvel, ou como uma sensação alucinatória, constantemente recorrente,

que persiste até que ocorra uma conversão na direção oposta" (pp.61, 62).

Também na "Primeira Lição", das "Cinco Lições de Psicanálise (13), pronunciada no vigésimo aniversário da "Clark University", em Massachusetts, Freud fala sobre a história inicial da psicanálise, logo da histeria, onde diz que "... os histéricos sofrem de reminiscências. Seus sintomas são resíduos e símbolos mnêmicos de experiências especiais (traumáticas). Uma comparação com outros símbolos mnêmicos de gênero diferente talvez nos permita compreender melhor este simbolismo. Os monumentos com que ornamos nossas cidades são também símbolos dessa ordem". (pp. 18, 19).

Daí, cita dois monumentos londrinos, como o "Charing Cross", que seria a perpetuação do cortejo fúnebre da rainha Eleanor, século XIII, e "The Monument", que pretende lembrar o incêndio, em 1666, que destruiu grande parte da cidade, dizendo que ambos são "... também símbolos mnêmicos como os sintomas histéricos". (p. 19).

Compara os histéricos e neuróticos com os londrinos que se deteriam frente aos monumentos não podendo prosseguir em suas vidas: "Essa fixação da vida psíquica aos traumas patogênicos é um dos caracteres mais importantes da neurose e dos que têm maior significação prática". (p. 19).

Assim se aproxima do caso Anna O., acompanhado por Breuer, onde "todos os traumas que influíram na moça datavam do tempo em que ela cuidava do pai, doente, e os sintomas que apresentava, podendo ser considerados como simples sinais mnêmicos da doença e da morte dele". (p. 19).

Paralelamente ao conceito de símbolo mnêmico surge já no trabalho "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histericos" (8) o conceito de simbolização, que segundo Lorenzer se diferencia do primeiro pela relação mantida entre signo e designado não se basear na contemporaneidade das associações. Freud afirma neste trabalho o seguinte: "Em outros casos a conexão causal não é tão simples. Consiste somente no que poderia ser denominado uma relação "simbólica" entre a causa precipitante e o fenômeno patológico - uma relação tal como as pessoas saudáveis formam nos sonhos. Por exemplo, neuralgia pode sobrevir após um sofrimento mental, ou vômitos após um sentimento de repulsa moral. Temos estudado pacientes que costumavam fazer o uso mais abundante dessa espécie de simbolização". (p. 45).

Lorenzer afirma que esta concepção de símbolo implica já numa mudança de direção tomada pela psicanálise para os conteúdos subjetivos: "A importância deste passo pelo qual a psicanálise alcançou um estatuto lógico inteiramente novo se reconhece melhor na medida em que se apreende de maneira mais profunda a famosa reorientação da busca da "realidade traumática" à consideração da fantasia, quando se estuda segundo a modificação do conceito de símbolo". (p. 18).

Podemos nos referir a Susanne Langer, que se aproxima dessa concepção de Lorenzer, ao afirmar que a simbolização é a chave da mudança ocorrida na psicologia, através do advento da psicanálise. Aqui, também, Lorenzer ressalta a importância do conceito de simbolizar, que estaria sendo empregado mais no sentido de símbolo (já colocado por Langer), enquanto que o símbolo mnêmico estaria mais próximo do sentido de signo, sintoma, como sinal.

Lorenzer cita um exemplo dado por Freud em "A Psicopatologia da Vida Cotidiana" (12), quando o Dr. Dattner de Viena estava almoçando com um colega seu, surgindo um ato sintomático que é interpretado no texto por Freud: "... Falou das dificuldades dos estudantes antes da formatura, e mencionou... que antes de terminar seus estudos, havia trabalhado como secretário...do ministro plenipotenciário e extraordinário do Chile.. "Mas então o ministro foi transferido e não me apresentei ao seu sucessor". Enquanto dizia a última sentença, ergueu um pedaço de bolo até a boca, mas deixou-o cair da faca de modo aparentemente desajeitado. Entendi logo o significado oculto deste ato sintomático..., dizendo ao meu colega não familiarizado com a psicanálise: "Você certamente perdeu um bom bocado. "Ele, no entanto, não percebeu que minhas palavras podiam referir-se igualmente ao ato sintomático, e repetiu as mesmas palavras com uma vivacidade...: "Sim certamente perdi um bom bocado" e em seguida aliviou-se como uma descrição detalhada do modo desajeitado pelo qual perdera aquele emprego bem pago.

O significado do ato sintomático simbólico torna-se mais claro tendo em vista que meu colega tinha escrúpulos de descrever... a precariedade de sua situação material. Portanto, tal pensamento introneto disfarçou-se em ato sintomático que exprimiu simbolicamente aquilo que estava para permanecer oculto, e dessa maneira lhe deu alívio proveniente de fontes inconscientes". (pp. 246, 247).

Lorenzer comenta este exemplo, dizendo que na simbolização não ocorre como no símbolo mnêmico uma relação baseada numa associação por contiguidade. O que observamos é uma idéia substituindo outra por semelhança. É o símbolo discursivo no lugar do símbolo apresentativo. No exemplo do caso Lucy, Freud mostra que a sensação de cheiro se tornou símbolo mnêmico do trauma psíquico, logo um símbolo apresentativo, não verbal. Já na simbolização, o simbolismo é verbal, discursivo, baseado numa associação por semelhança.

Freud ainda nos "Estudos sobre a Histeria" (8), diz: "os melhores exemplos de simbolização que vi ocorreram em Frau Cacilie M. cujo caso posso descrever como mais grave e instrutivo". (p. 225). Em relação a gravidade da doença afirma que "a conversão à base da simultaneidade, onde há também uma ligação associativa, não parece exigir mais que uma disposição histerica leve, a conversão pela simbolização, por outro lado, parece exigir a presença de um grau mais elevado de modificações históricas" (p. 225). Logo, o símbolo mnêmico se relaciona a um grau de menor patologia da histeria, enquanto que a simbolização estaria relacionada a um grau mais elevado.

Frau Cécilie sofria de uma neuralgia facial, já tratada em diversas ocasiões por meios orgânicos. Freud ao tratar o caso era chamado, geralmente, no clímax do acesso, o que possibilitou juntamente com Breuer, o conhecimento de como os sintomas histéricos são determinados, sendo que o estudo deste caso os levou a publicar a "Comunicação Preliminar", já referida anteriormente neste trabalho.

Freud estava curioso em descobrir se a neuralgia tinha uma causa psíquica, e ao evocar a cena traumática, a paciente relatou uma briga com o marido: "Descreve uma conversa que tivera com ele, e uma observação dele que ela sentira como um áspero insulto. De súbito levou a mão à bochecha, soltou um grande grito de dor e exclamou: "Foi como uma bofetada no rosto" Com isso cessaram tanto a dor como o acesso".(p. 227).

Continua Freud: "Não há dúvida de que o que acontecera fora uma simbolização. Ela sentira como se tivesse realmente recebido uma bofetada.

No dia seguinte a neuralgia voltara... Parecia que durante anos os insultos, e particularmente os externos verbalmente, haviam, através da simbolização, provocado novos acessos de sua neuralgia facial.

Mas por fim fomos capazes de voltar ao seu primeiro acesso de neuralgia, mais de quinze anos antes. Aqui não houve simbolização, mas uma conversão através da simultaneidade.

Ela viu um quadro doloroso, acompanhado de sentimentos de auto-censura, e isto levou-a a reprimir outro grupo de pensamentos". (p. 228).

Aqui, Freud fala que o símbolo mnêmico foi formado antes do mecanismo da simbolização, embora, depois, através de um exemplo clínico, diga que apesar do mecanismo de simbolização parecer ser secundário, em alguns momentos pode ser a gênese do sintoma histérico, como se observa, também, em Frau Cäcilie: "Quando contava quinze anos, estava deitada na cama, sob o olhar vigilante da avó rigorosa. A moça subitamente deu um grito, sentira uma dor penetrante na testa, entre os olhos que durou semanas. No curso da análise dessa dor, que se reproduziu após quase trinta anos, disse-me que a avó lhe dirigira um olhar tão "penetrante" que fora direto até o cérebro... Neste exemplo não posso descobrir outra coisa senão o mecanismo da simbolização que tem o seu lugar, em certo sentido a meio caminho entre a auto-sugestão e a conversão." (p. 229).

A conversão seria a transformação de um conflito psíquico em sintoma somático. Quando esta transformação é feita por uma escolha baseada na semelhança, o resultado é uma simbolização, enquanto que uma escolha feita por contiguidade, por contemporaneidade, implica na formação de um símbolo mnêmico.

Agora, a simbolização não se prende ao fenômeno de conversão, é apenas uma de suas formas. A conversão estaria ligada a um processo afetivo, um afeto estrangulado que faz uma

descarga visceral. A simbolização seria ideativa, uma idéia que substitui outra, baseando-se na semelhança que existe entre elas. Já a auto-sugestão seria um processo volitivo, é a expressão da própria vontade inconsciente do sujeito.

Já Breuer fala em "Considerações Teóricas" nos "Estudos sobre Histeria"⁽⁸⁾, que nem todas as manifestações histéricas são ideogênicas, como dizia Moebius em 1888. Breuer afirma o seguinte: "Não definiremos como histéricas aquelas manifestações patológicas que são provocadas por idéias, mas apenas asseveraremos que grande número de manifestações histéricas, provavelmente mais do que suspeitamos hoje em dia, são ideogênicas. Mas a modificação patológica fundamental que se encontra presente em cada caso e que permite às idéias, bem como aos estímulos não-psicológicos produzirem efeitos patológicos reside numa excitabilidade anormal do sistema nervoso." (p. 243).

Assim, Breuer ressalta que a excitabilidade exagerada é a principal modificação patológica da histeria. Para que uma idéia seja capaz de provocar uma manifestação histérica é necessário que haja uma predisposição, um estado de excitabilidade anormal.

Freud, ainda no caso Cécilie, cita um exemplo de um sintoma histérico, de uma simbolização através de "expressão verbal". Ela estava com uma forte dor no calcanhar direito (sintoma histérico), tornando difícil andar: "A análise levou-nos a uma época em que a paciente estivera num sanatório no exterior.

Passara uma semana de cama e ia ser levada à sala de refeições comum pela primeira vez pelo médico residente. A dor sobreveio no momento em que ela lhe tomou o braço para sair da sala com ele, desapareceu durante a reprodução da cena, quando a paciente me disse que ficara temerosa na ocasião de que talvez não "se encontrasse na posição certa" perante aqueles estranhos". (op.228,229)

Outros sintomas podem ser explicados pela simbolização como o que se segue: "Junto com a sensação de "aura" histérica na garganta, quando aquela sensação surgia após um insulto, encontrava-se o pensamento" terei de engolir isto".(p.220). Observa-se que a paciente apresenta uma sensação paralela a uma idéia. Freud, então conclui que quando o histérico cria uma expressão somática para uma determinada idéia, pela simbolização, isto não depende de fatores conscientes, voluntários, mas sim "ao tomar" uma expressão verbal literalmente, e ao sentir a "punhalada no coração" ou a "bofetada na face" após uma observação desatenta, como um fato real, o histérico não toma liberdade com as palavras, mas simplesmente revive as sensações as quais a expressão verbal deve sua justificativa" (p. 230).

Podemos observar a relação que Freud demonstra entre o verbal e a simbolização, logo a simbolização é ideativa, correspondendo a um simbolismo discursivo. Lorenzer assinala que ocorre uma mudança do símbolo mnêmico para o mecanismo de simbolização: "O laço arbitrário e contingente é substituído por um laço lógico, a indicação meramente temporal se aprofunda num nexó genético e a referência generalizada e não reflexiona-

da da enfermidade ao processo patógeno é substituída por uma compreensão biográfica reflexiva. (p. 18).

Creemos que Lorenzer pretende ressaltar que Freud ao introduzir a simbolização como mecanismo de formação de sintoma na histeria, teve como fim aprofundar a psicanálise no sentido de separá-la de uma perspectiva da medicina e aproximá-la das ciências humanas, o que é questionado por nós, pois tanto o símbolo mnêmico como a simbolização são fenômenos paralelos, e muitas vezes, nos exemplo clínicos, Freud cita a presença do símbolo mnêmico como anterior ao surgimento da simbolização no mesmo paciente.

Assim, gostaríamos de afirmar que o símbolo mnêmico está relacionado ao simbolismo apresentativo (no **sentido de** S. Langer) não verbal, anterior ao surgimento da linguagem, enquanto que a simbolização seria uma forma de simbolismo discursivo, sendo que ambos os processos de formação de símbolos surgem, neste momento da obra de Freud, como fenômenos associados a histeria.

Freud introduz, no final da apresentação do caso Frau Cécilie, uma interessante referência ao enlace entre a sensação corporal e a expressão verbal correspondente, como relacionado a um período arcaico do desenvolvimento humano, apresentando "uma fonte comum" entre a simbolização e a língua, o que seria denominado, e estudado mais tarde, nos sonhos, como simbolismo universal: "O que poderia ser mais provável do que

aquela figura de linguagem, "engulir alguma coisa", que empregamos ao falar de um insulto ao qual não foi apresentado nenhuma réplica, tenha de fato se originado das sensações inervatórias que surgem na faringe quando deixamos de falar e impedimos a nós mesmos de reagir ao insulto? Todas essas sensações e inervações pertencem ao campo de "The Expressions of Emotions", que como Darwin [1872] nos ensinou, consiste em ações que originariamente possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Estas podem, na sua maior parte, terem-se enfraquecido tanto, que a sua expressão em palavras nos parece apenas ser um quadro figurativo das mesmas, ao passo que, com toda probabilidade, a descrição foi uma vez tomada em seu sentido literal; e a histeria está certa em restaurar o significado original das palavras ao retratar suas inervações inusitadamente fortes. Na realidade, talvez seja errado dizer que a histeria cria essas sensações através da simbolização. Talvez ela não tome absolutamente o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histeria, como o uso da língua, extraíam seu material de uma fonte comum" (pp. 230, 231).

C A P Í T U L O III

O SIMBOLISMO NOS SONHOS

Prosseguindo no caminho traçado por Sigmund Freud, encontramos o conceito de simbolismo no estudo dos sonhos, onde segundo Laplanche e Pontalis (25), adquire o sentido mais restrito de seu uso: "Em sentido restrito, modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente, essa constância encontra-se, não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo para outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre si". (p.626).

Lorenzer, também, ressalva o aspecto do significado constante da relação entre o símbolo e o simbolizado, como também a sua independência das condições individuais, demarcando a diferença do processo de simbolização, embora apresente também, a sua semelhança: "O que une a este "verdadeiro simbolismo" com as simbolizações se averigua facilmente: o decisivo é num caso como no outro, o significado do signo. Mas mais difícil é discernir as diferenças, já que existe uma diversidade das paisagens, como mostra a comparação com as simbolizações históricas. Em dois pontos, não obstante, pode se estabelecer com clareza uma diferença, o "verdadeiro simbolismo" tem um significado constante e é independente de condições individuais" (p. 22).

Agora de modo mais geral (sentido lato), o termo simbolismo é empregado, segundo Laplanche e Pontalis, como um modo de representação indireta de uma idéia, um conflito, um desejo inconsciente, considerando simbólica qualquer formação substitutiva. Nesta acepção é situado o conceito de símbolo menêmico, já que o reconhecimento num determinado comportamento de duas significações, uma substituindo a outra, "mascarando-a e exprimindo-a ao mesmo tempo" (p.628), implica numa relação qualificada como simbólica.

Freud se dirigiu ao estudo do simbolismo nos sonhos mais tarde, o artigo dedicado especificamente a este tema em "A Interpretação dos sonhos" (10) é datado de 1914 embora podemos observar a presença, desde a primeira edição (1900) desta obra, de referências a este assunto. Esta afirmativa é encontrada no trabalho "A História do Movimento Psicanalítico" (15), escrito para contestar as idéias de Adler e Jung, que eram incompatíveis com os postulados fundamentais da psicanálise: "Antes de Breuer e eu nos separarmos apenas tinha tido tempo de comunicar-lhe, e numa única frase, que eu, àquela altura, estava sabendo como traduzir os sonhos. Visto ter sido assim a descoberta, concluiu-se que o simbolismo na linguagem dos sonhos foi quase a última coisa a tornar-se acessível a mim, pois as associações da pessoa que sonha nos ajudam muito pouco a compreender os símbolos. Como tenho o hábito de estudar sempre as próprias coisas antes de procurar informações sobre elas em livros, pude chegar eu mesmo ao simbolismo dos sonhos antes de ser a ele levado pela obra de Scherner sobre o assun-

to [1861]. Só depois é que vim a apreciar em sua plena extensão essa modalidade de expressão dos sonhos. Isso ocorreu em parte por influência das obras de Stekel, cujos primeiros trabalhos têm muito mérito, mas que depois se desencaminhou totalmente. A estreita ligação entre a interpretação psicanalítica dos sonhos e a arte de interpretá-los segundo a prática tida em tão alta conta na antiguidade, só tornou-se clara para mim muito depois". (pp. 29, 30)

Nos capítulos iniciais de "A Interpretação de Sonhos"⁽¹⁰⁾, Freud faz uma revisão de trabalhos já realizados por outros escritores sobre este tema, detendo-se na atitude tomada para com os sonhos pelos povos da antiguidade clássica, afirmando, que "aceitavam como axiomático que os sonhos estavam relacionados com o mundo dos seres super-humanos nos quais acreditavam e que constituíam revelações de deuses e demônios. Não poderia haver dúvida, além disso, que, para aquele que sonhava, os sonhos tinham uma finalidade importante, que era via de regra, prever o futuro... A posição adotada no tocante dos sonhos por filósofos isolados na antiguidade dependia naturalmente, até certo ponto, da atitude dos mesmos em relação à adivinhação em geral". (p. 2).

Esta posição adotada em relação aos sonhos coincidia com o modo de como percebiam o mundo externo, levando-os a projetar no mundo exterior as coisas de dentro de suas mentes, embora Freud diga que até em seus próprios dias tenha encontrado defensores desta teoria da origem sobrenatural dos sonhos.

Cita uma classificação de sonhos de Macrobius e Artemidorus, encontrada na obra de Gruppe (21), onde os sonhos se dividiam em dois tipos: o primeiro influenciado pelo presente ou passado, sem significado futuro, e o segundo de terminando o futuro, compreendendo profecias recebidas no sonho, previsões do futuro, e sonhos simbólicos, que necessitam elucidação.

Assim, desde os tempos mais primitivos "o mundo leigo" se preocupou em "interpretar" os sonhos, já que considerando-os ininteligível e absurdos, buscavam o significado oculto. Utilizavam dois métodos diferentes. O primeiro, a interpretação de sonho "simbólica", considera "o conteúdo do sonho como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo que é inteligível, e sob certos aspectos, análogo ao original." (p.104)

Freud exemplifica este método através da análise do sonho do Faraó, interpretado por José que se encontra em "A Bíblia Sagrada" (1), no livro Gênesis, capítulo 41 ("José interpreta os sonhos de Faraó"), que será transcrito abaixo:

"...

14 - Então Faraó mandou chamar a José, e o fizeram sair à pressa da masmorra...

15 - Este lhe disse: Tive um sonho e não há quem o interprete. Ouvi dizer... que, quando ouves um sonho, podes interpretá-lo.

16 - Respondeu-lhe José: Não está isso em mim, mas Deus dará resposta favorável a Faraó.

17 - Então contou Faraó a José: No meu sonho, estava eu de pé na margem do Nilo;

18 - e eis que subiam dele sete vacas gordas e formosas à vista e pastavam no carriçal.

19 - Após estas subiam outras vacas, fracas, mui feias à vista, e magras, nunca vi outras assim disformes, em toda a terra do Egito.

20 - E as vacas magras e ruins comiam as primeiras sete gordas;

21 - e depois de as terem engolido não davam aparência de as terem devorado, pois o seu aspecto continuava ruim como no princípio. E então acordei.

22 - Depois vi em meu sonho, que sete espigas saiam da mesma haste, cheias e boas;

23 - após elas nasceram sete espigas secas mirradas e crestadas do vento oriental.

24 - As sete espigas mirradas devoravam as sete espigas boas..

25 - Então lhe respondeu José: O sonho de Faraó é apenas um; Deus manifestou a Faraó o que há de fazer.

26 - As sete vacas boas serão sete anos, as sete espigas boas, também sete anos: o sonho é um só...

27 - Esta é a palavra, como acabo de dizer a Faraó, que Deus manifestou a Faraó que ele há de fazer.

28 - Eis aí vêm sete anos de grande abundância por toda a terra do Egito.

30 - Seguir-se-ão sete anos de fome, e toda aquela abundância será esquecida na terra do Egito, e a fome consumirá a terra;

30 - e não será lembrada a abundância na terra, em vista da fome que seguirá, porque será gravíssima.

31 - O sonho de Faraó foi dúplice, porque a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la." (p. 50).

Freud diz que "as sete vacas gordas seguidas pelas sete vacas magras que devoravam as gordas - tudo isso era um substituto simbólico referente a uma profecia de sete anos de fome na terra do Egito, que deveria consumir tudo o que aparecesse nos sete anos de abundância." (104). Podemos observar, também a presença do aspecto divino durante toda a interpretação de José .

Ainda Freud se refere aos sonhos de ficção con-struídos por escritores, como destinados a uma interpretação sim-bólica, já que reproduzem as idéias dos autores de uma forma disfarçada. Afirma que é impossível instruir sobre este método de interpretar sonhos, sendo que o bom êxito da interpretação depende de "uma idéia arguta, de intuição direta" (p. 104). transpondo-a para o tempo futuro, como "um remanescente do antigo significado profético dos sonhos." (p. 104).

O segundo método popular de interpretação de sonhos pode ser descrito como o método de "decifração", já que trata "os sonhos como uma espécie de criptografia na qual cada sinal pode ser traduzido em outro sinal que possua um significado conhecido, de conformidade com uma chave fixa." (p. 105). A chave se encontraria num livro de sonhos, onde se buscaria o significado da palavra sonhada, e o resultado seria transposto para o futuro.

Freud cita Artemidoro de Daldis, nascido provavelmente no início do segundo século d.C. que legou à humanida-de uma importante obra sobre interpretação de sonhos, Oneiro-crítica, onde realiza uma mudança no processo de decifração ao corrigir a natureza mecânica do mecanismo de transposição. Numa nota de rodapé, acrescentada ao texto em 1914, Freud afirma o seguinte sobre Artemidoro de Daldis: "... insistia ele na importância de basear a interpretação de sonhos na observação e na experiência, tendo estabelecido uma distinção rígida entre sua própria arte e outras que eram ilusórias. O princípio

de sua arte interpretativa de acordo com Gomperz, é idêntico à magia, o princípio de associação. Uma coisa num sonho significa o que ele lembra "à mente - à mente do intérprete de sonhos, é quase desnecessário dizer. Uma fonte insuperável de arbitrariedade e de incerteza decorre do fato de que o elemento onírico poderá lembrar várias coisas à mente do intérprete e poderá lembrar algo diferente a intérpretes diferentes", (p.105).

A essência deste método se situa na decifração de cada parte do sonho, comparando o sonho com um conglomerado geológico: onde cada fragmento de rocha necessitasse de uma análise isolada.

Freud critica estes dois métodos, devido ao caráter não-científico e arbitrário dos respectivos processos. A interpretação simbólica se mostra de difícil formulação e aplicação. O método de decifração traz uma chave, o livro de sonhos, de pouca confiabilidade. Então, questiona a possibilidade de interpretar sonhos, isto é a possibilidade de uma interpretação científica dos sonhos.

Responde a esta questão dizendo que a interpretação de sonhos é possível, e até se aproxima em alguns aspectos da crença popular antiga, embora seja necessário um estudo mais sistematizado do assunto, sendo que considera mais a pesquisa realizada na antiguidade do que o estudo, o julgamento da ciência nos seus dias, que reduz o sonho a um processo somático.

A técnica de interpretação de sonhos, que Freud apresenta, se baseia na associação livre de quem sonha, buscando afastar qualquer crítica às idéias que surgem na consciência. Percorre um caminho similar ao do conhecimento da formação do sintoma neurótico, partindo do sintoma à idéia inconsciente que substitui, isto é, do conteúdo manifesto ao conteúdo latente, tomando como objeto não o sonho como um todo, mas as partes isoladas de seu conteúdo.

Freud aproxima o seu método de interpretação ao método antigo de decifração, já que emprega a interpretação "en détail", e não "en masse", como a interpretação lendária simbólica, embora assinale uma diferença essencial: "A técnica que descrevo nas páginas que se seguem diferem num ponto essencial do método antigo : impõe a tarefa de interpretação à própria pessoa que sonha. Não está ela interessada com o que ocorre ao intérprete em relação a um elemento particular do sonho, mas com o que ocorre àquele que sonha." (p. 105). E, ainda: Meu método não é tão conveniente quanto o popular de decifração que traduz qualquer dada parcela do conteúdo de um sonho através de uma chave fixa. Pelo contrário, estou preparado para verificar que a mesma parcela de um conteúdo pode ocultar um significado diferente quando se verifica em várias pessoas ou em vários contextos". (p. 112).

Aristóteles é citado por Freud como já realizando um estudo psicológico dos sonhos. Em suas obras informa que "os sonhos não são enviados pelos deuses e não são de natu-

reza divina, mas são "demoníacos", já que a natureza é "demoníaca" e "não divina". O sonho seguiria as leis do espírito humano, não sendo resultado de manifestações divinas, embora se ja "afim ao divino". Seria "a atividade mental de quem dorme, até o ponto em que esteja adormecido." (p.3) , logo um produto da mente de quem sonha.

Sobre as teorias do sonhar, próximas do momento científico do surgimento da psicanálise, como as de Delboeuf Robert e outros, que descrevem o sonho como um processo somático, Freud as critica, como podemos observar através da seguinte afirmação: "Assim tenho boas razões para rejeitar a teoria de que o que provoca os sonhos com vôos e quedas é o estado de nossas sensações do movimento de nossos pulmões, e assim por diante. Segundo meu ponto de vista, essas sensações são elas próprias reproduzidas como parte da lembrança à qual remonta o sonho: isto é, são parte do conteúdo do sonho e não sua fonte". (p. 420).

Já a teoria de Scherner (1861) considera o sonho uma atividade especial da mente, sendo que "... os estímulos somáticos nada mais fazem senão prover a mente com material do qual possa fazer uso para suas finalidades imaginativas". (p. 140) . Assinala então Freud, que " a formação de sonhos sómente tem início, aos olhos de Scherner, no ponto em que os outros escritores consideram como o seu fim". (p.90).

Nas "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise"⁽¹⁷⁾, especificamente na conferência X, "Simbolismo nos sonhos", ao falar sobre a presença do simbolismo em outros campos Freud atribui a Scherner a descoberta do simbolismo nos sonhos: "... o simbolismo não constitui peculiaridade exclusiva dos sonhos e não é característico dos mesmos; e em segundo lugar, o simbolismo nos sonhos não é de forma alguma descoberta da psicanálise... O filósofo K.A. Scherner (1861) deve ser apontado como o descobridor do simbolismo onírico, se é que absolutamente se possam situar seus inícios nos tempos atuais." (p. 182).

Segundo a teoria de Scherner, a imaginação onírica fornece aos sonhos traços peculiares, sendo ela a atividade mental liberada do domínio da razão presente durante o sonho, e destituída da linguagem conceitual da vida de vigília.

A imaginação onírica procura fornecer uma representação simbólica da natureza do estímulo que surge durante o sono. A "atividade simbolizante" da imaginação consiste numa "... aversão a representar um objeto pela sua própria imagem preferindo alguma imagem estranha que expresse apenas aquela imagem específica dos atributos do objeto que procura representar". (p.89) Assim possui formas específicas de representar o organismo e partes do corpo humano. O organismo como um todo é representado por uma casa, "o pulmão que respira será simbolicamente representado por uma fornalha chamejante... a bexiga por objetos redondos semelhantes a sacos ou mais geralmente por objetos ocos". (p. 90).

Mas, não é só a forma do órgão que é representado simbolicamente, também se pode simbolizar a substância contida no órgão: "... um sonho com um estímulo intestinal poderá levar aquele que sonha por ruas lamacentas". O que se observa, diz Freud, é que "a atividade simbolizante da imaginação permanece a força central em todos os sonhos".(p. 91).

Freud afirma que a teoria de Scherner restaura a interpretação onírica através do simbolismo que era empregada na antiguidade, embora restrinja o seu campo aos limites do corpo humano. Agora, a ausência de um critério científico reduz a aplicação desta teoria: "Ela parece dar margem a interpretações arbitrárias, especialmente porque em seu caso, também, o mesmo estímulo pode ser representado no conteúdo onírico em grande número, de variadas maneiras".(p. 249). Mas, Freud, assinala a importância desta teoria pois os pontos de vista de Scherner e seu discípulo Volket ressalta a presença do simbolismo do corpo humano nos sonhos: "É perfeitamente verdadeiro que os sonhos contêm simbolizações de órgãos e funções corpóreas".(p.241)

Também, ao estudar os sonhos típicos, Freud descobria que existem elementos comuns de linguagem nos sonhos independentes da fala particular de um indivíduo, "... há um certo número de sonhos que quase todo o mundo tem da mesma forma e que estamos acostumados a presumir tenham o mesmo significado para todos. Além disto, existe um interesse especial nesses sonhos típicos porque eles presumivelmente surgem das mesmas fontes em todos os casos e parecem bem qualificados para es-

clarecer as fontes dos sonhos." (p. 256).

Assim, já estava se delineando a conceituação do simbolismo universal na obra de Freud, tornando-se mais fácil compreender a necessidade do surgimento de um texto específico sobre os símbolos no sonho, já que este tema seria fundamental para completar as lacunas que dificultavam a interpretação de sonhos. Este texto é introduzido em 1914 no capítulo VI de "A Interpretação de Sonhos" (10), que trata da elaboração dos sonhos, onde Freud estuda o processo de transformação dos pensamentos latentes no conteúdo manifesto do sonho. Dois fatores são pesquisados, a condensação e o deslocamento, supondo Freud que "... na elaboração do sonho, uma força psíquica esteja atuante, a qual por um lado, despoja os elementos que possuem elevado valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, por meio de super-determinação, cria a partir de elementos de "baixo valor psíquico novos valores, que depois se insinuam no conteúdo do sonho. Se esse for o caso, ocorre uma transferência e deslocamento de intensidades psíquicas no processo de formação do sonho, e é como resultado deles que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sonho e o dos pensamentos oníricos. O deslocamento do sonho e a condensação do sonho são os dois fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos". (p. 328).

A seção específica sobre o simbolismo, "Representação por símbolos nos sonhos" (10), é iniciada através de uma referência à seção anterior, "Considerações de Representa-

bilidade", onde Freud analisa um sonho que denomina de "sonho florido", onde assinala o seu interesse pelo assunto: "A análise deste último sonho biográfico constitui prova evidente de que eu reconheci a presença de simbolismo nos sonhos desde o início. Mas foi apenas gradualmente e à medida que minha experiência aumentou que cheguei a uma apreciação plena de sua extensão e significado, e assim procedi sob a influência de Wilhelm Stekel (1911), sobre quem algumas palavras não virão fora de propósito aqui". (p. 373).

Freud fala da influência de Stekel em seu trabalho, como também das divergências encontradas entre os dois autores: "Aquele escritor, que talvez tanto tenha prejudicado a psicanálise quanto beneficiado, apresentou grande número de traduções insuspeitas de símbolos, para começar, foram defrontadas com ceticismo, mas posteriormente foram na sua maior parte, confirmadas e tiveram que ser aceitas. Não estarei depreciando o valor dos serviços de Stekel se acrescentar que a reserva cética com que suas propostas foram recebidas não estava destituída de justificação. Pois os exemplos pelos quais ele apoiava suas interpretações eram amiúde inconvincentes e ele utilizou um método que deve ser rejeitado como cientificamente indigno de confiança. Stekel chegou as suas interpretações de símbolos por meio de intuição, graças a um dom peculiar para a compreensão direta das mesmas. Mas, não se pode, de modo geral, contar com a existência desse dom sua eficácia está isenta de toda crítica e, conseqüentemente seus achados não têm direito a credibilidade". (p. 373).

Encontramos, também em Lorenzer (27) a referência a um argumento de Stekel que confirma a divergência dos caminhos tomados pelos dois escritores: "O grande progresso da interpretação dos sonhos, de Freud, consiste em que introduziu um novo recurso para interpretar os sonhos: a ocorrência da pessoa que sonha. Pela via das associações, ao sonhante ocorre o material configurador do sonho. Não obstante, a ocorrência fracassa muitas vezes. A causa de suas resistências interiores, é frequente que ao sonhante não lhe ocorra nada. Para superar este ponto morto nos serve de ajuda o conhecimento da linguagem do sonho e os simbolismos. Aqui minhas investigações se separam de Freud. Este põe todo o acento no material acumulado atrás da fachada manifestada do sonho. Eu me empenhei em demonstrar que o conteúdo manifesto do sonho nos transmite já o mais importante do conteúdo, dos pensamentos latentes do sonho. Por este caminho cheguei a surpreendentes resultados. Descubri conexões (p. ex. o simbolismo da morte) que nunca havia chegado a conhecer partindo das ocorrências do sonhante. Fiz com que a interpretação dos sonhos se desenvolvesse independente da vontade do analisado." (p. 24)..

Podemos refletir sobre estes dois autores, onde notamos uma diferença de caminhos adotados por cada um. Freud traz à tona a concepção da importância da associação livre por parte do paciente, enquanto Stekel separa a participação do indivíduo que sonhou, da ajuda na interpretação do sonho. Freud baseia a interpretação dos sonhos no processo de associação livre e no conhecimento que o terapeuta deve ter do simbolismo.

Admite que os sonhos apresentam um conteúdo repleto de simbolismo, sendo que o indivíduo que sonha esbarra no símbolo, o desconhece, logo não consegue dar o seu sentido. Assim Freud vê a necessidade do conhecimento do significado do símbolo pelo intérprete para completar a interpretação do sonho ". Em geral, a técnica de interpretação de acordo com as associações livres daquele que sonha nos deixa em dificuldades quando chegamos aos elementos simbólicos no conteúdo onírico. A consideração à crítica científica nos proíbe de voltar ao julgamento arbitrário do intérprete do sonho, como era empregado nos tempos antigos e parece ter sido revivido na interpretação temerária de Stekel. Somos assim obrigados, ao lidar com aqueles elementos do conteúdo onírico que devem ser reconhecidos como simbólicos a adotar uma técnica combinada que, por um lado, se assente nas associações de quem sonha e, por outro, preencha as lacunas provenientes do conhecimento dos símbolos pelo intérprete"(p.376):.

Freud critica o método de Stekel, e o aspecto de semelhança presente entre este método e os dois métodos da antiguidade, que fornecem o poder da interpretação ao intérprete do sonho, esquecendo o auxílio do sonhador durante a interpretação. Mas, observamos, também, no método combinado de Freud, na parte atribuída à interpretação do simbolismo no sonho, que esta função cabe ao intérprete, sendo dever dele estudar o simbolismo para poder conhecer as lacunas, os elementos mudos presentes no conteúdo do sonho. A ênfase na figura do intérprete está presente na teoria de Freud, embora esta ênfase esteja colocada sobre o conhecimento que o terapeuta deve possuir para

interpretar uma parte do sonho, e não, num dom especial, numa intuição, que não pertence a qualquer critério científico. Mas, assim, podemos ver presente em Freud o vestígio histórico que envolve o intérprete de sonhos desde a antiguidade.

Critica, no entanto, a elaboração do livro chave, já que o simbolismo não se detém no sonho, não é um meio de representação relativo ao processo de sonhar, é universal, presente em outros campos, como no mito, no folclore, nas lendas etc. Freud afirma o seguinte na seção sobre "Considerações de Representabilidade: (10). "No caso da interpretação onírica simbólica, a chave da simbolização é arbitrariamente escolhida pelo intérprete, ao passo que, em nossos casos de disfarce verbal, as chaves são geralmente conhecidas e formuladas por uso linguístico firmemente estabelecido".(p. 364).

De acordo com Freud os sonhos usam o simbolismo para a "representação disfarçada de seus pensamentos latentes"(p. 375), a representação por símbolos é um método indireto de representação, sendo sua natureza genética, é herdado. Como diz Freud "as coisas que estão simbolicamente ligadas hoje provavelmente estiveram unidas em épocas pré-históricas por identidade conceitual e linguística. A relação simbólica parece ser uma relíquia e um marco de antiga identidade. Nesse sentido, podemos observar como em grande número de casos o emprego de um símbolo comum se estende mais do que o uso de uma língua comum, como já foi ressaltado por Schubert (1814). Grande número de símbolos são tão antigos quanto a própria língua,

enquanto outros (por exemplo, "dirigível", "zeppelin") vêm sendo criados continuamente até a presente época" (p. 375).

Freud chama atenção que o simbolismo que surge nos sonhos não se detém nele, mas está presente na cultura e tradição popular: "...êsse simbolismo não é peculiar aos sonhos mas é característico da ideação inconsciente, em particular entre as pessoas, sendo encontrado no folclore, e nos mitos populares lendas, frases idiomáticas, na sabedoria dos provérbios e nos chistes correntes, numa escala mais completa que nos sonhos (p.374).

O simbolismo é universal, já que é característico da ideação inconsciente, o que nos lembra Susanne Langer, ao afirmar que o sonho é uma forma de simbolismo apresentativo, como o é também o mito, a lenda, os contos de fadas etc. Logo, a significação dos símbolos oníricos é apreendida de fontes muito diversas, do conhecimento de usos populares e costumes, das canções, de bufonarias etc.

Nas "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", (17), Freud narra situações semelhantes que aparecem nos sonhos e em outros campos, como exemplo: "De início parece surpreendente encontrar os pais, nos sonhos, como casal imperial ou real. Isso, porém, tem seu similar nos contos de fadas. Começamos a compreender que as variadas histórias de fadas que começam com "Era uma vez um rei e uma rainha" apenas querem dizer que certa vez havia um pai e uma mãe" (p. 191).

Outra comparação, a fim de demonstrar a presença do simbolismo em outras áreas, foi observada na aproximação seguinte que Freud faz entre o mito e o sonho: " N^os sonhos, como na mitologia, o emergir da criança do líquido amniótico é comumente apresentado por distorção como a entrada da criança na água, entre muitos outros, os nascimentos de Adônis, Osíris, Moisés e Baco são ilustrações bem conhecidas disso" (p. 428).

Assim podemos observar a presença da necessidade de simbolizar que Langer fala nos sonhos, que é confirmada por Freud ao generalizar a forma de expressão simbólica em outras áreas. Como vimos, esta necessidade é compulsiva, ou até podemos falar de um instinto para simbolizar.

Ainda, na "Conferência X", descreve como "relação simbólica" a relação constante entre um elemento onírico e sua versão, sendo o elemento onírico propriamente dito símbolo do pensamento onírico inconsciente. Diferencia Freud quatro tipos de relações entre elementos oníricos e a "coisa" original" escondida: a da parte com o todo, a da alusão (substituição por um fragmento que é exemplificado no "sonho do canal" que Freud narra, onde o sonhador só alude no conteúdo manifesto do sonho o elemento "canal": "... surgiu talvez um outro livro que mencionava um canal, ou então alguma coisa com canal... ela não sabia... era tudo tão indistinto." (p.145), e da representação plástica (pictórica, típica do sonho), e a simbólica.

Freud diz que o sonho, na maior parte, representa o seu material psíquico em imagens visuais. Na introdução do capítulo "A elaboração dos sonhos"⁽¹⁰⁾ encontramos uma afirmativa de que o conteúdo onírico é expresso num "roteiro pictográfico", onde seus elementos têm de ser transpostos individualmente para a linguagem do conteúdo latente, e Freud assinala, que a interpretação não pode ser dada através da leitura" de acordo com seu valor "pictórico", mas através do conhecimento de sua relação simbólica, fazendo uma crítica a seus antecessores: "Um sonho é um enigma de figuras dessa espécie e nossos antecessores no campo da interpretação de sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica e, como tal, elas lhe pareceu sem sentido, e destituída de valor". (n. 296).

No processo de sonhar acontece uma regressão do pensamento à forma de percepção original, o sonho é um processo ligado ao mecanismo de percepção primário da mente humana, daí a sua forma de expressão contendo símbolos de forma representativa, como diz Langer, tão próxima a outras áreas também antigas de expressão humana.

No capítulo VII de "A Interpretação de Sonhos" (10) encontramos a seguinte elucidação de Freud sobre o fenômeno de regressão que possibilita ao sonho a forma imagética de manifestação: "A única maneira pela qual podemos descrever o que acontece nos sonhos alucinatórios é dizendo que a excitação se movimenta numa direção para trás. Em vez de ser transmitida na direção da extremidade motora do aparelho, ela se movimenta no

sentido da extremidade sensória e atinge finalmente o sistema perceptivo. Se descrevermos como "progressiva" a direção tomada pelos processos psíquicos que surgem do inconsciente durante a vida de vigília, podemos então dizer que os sonhos possuem um caráter "regressivo". (p. 578).

A essência da relação simbólica, diz Freud ainda nas conferências (17) proferidas em 1916, se situa em ela ser uma comparação embora não uma comparação de tipo qualquer". A base dessa comparação ainda é desconhecida, existindo limitações especiais: "Nem tudo aquilo com que podemos comparar um objeto ou um processo aparece nos sonhos como símbolo dessa comparação. E, por outro lado, um sonho não simboliza cada elemento possível dos elementos oníricos latentes, mas somente alguns pensamentos determinados". O conceito de símbolo não pode ser definido com precisão, se transfigurando em noções tais como as de substituição ou representação, e mesmo se aproxima de que entendemos por alusão". (pp. 182, 183).

Na seção específica sobre os símbolos nos sonhos e mais tarde na conferência sobre o mesmo tema, Freud apresenta alguns símbolos que aparecem frequentemente nos sonhos dos indivíduos neuróticos psicóticos e normais, assinalando a observação da presença desse simbolismo em pacientes sofredores de demência precoce, embora diga que "... a pesquisa psicanalítica não encontra quaisquer distinções fundamentais, mas apenas quantitativas, entre a vida normal e a neurótica. Assinala que a incerteza na interpretação é resultado

de um conhecimento incompleto do assunto, como também devido a característica do símbolo onírico de ser muitas vezes ambíguo, necessitando da interpretação correta a partir do contexto do sonho.

Citaremos alguns dos símbolos apresentados no texto específico sobre este tema:

"O Imperador e a Imperatriz (ou o Rei e a Rainha) via de regra realmente representam os pais daquele que sonha... Todos os objetos alongados tais como varas, troncos de árvores e guarda-chuvas (sendo o ato de abrir este último comparável a uma ereção) podem representar o órgão masculino... Caixas, estojos, arcas, armários e fornos representam o útero... Quartos nos sonhos são em geral, mulheres... Degraus, escadas de mão ou escadarias, ou, conforme for o caso, subi-los ou descê-los, são representações do ato sexual. Mesas, mesas postas para uma refeição, e tábuas também representam mulheres... Crianças em sonhos, muitas vezes representam os órgãos genitais; e realmente tanto homens como mulheres têm o hábito de se referir a seus órgãos genitais afetuosamente como seus "pequeninos"... Brincar com uma criancinha, bater-lhe, etc. amiúde representam masturbação nos sonhos... Para representar a castração simbolicamente, a elaboração do sonho utiliza a calvície, o corte de cabelos, o cair de dentes e a decapitação..." (pp. 377, 378, 380).

Freud, também apresenta alguns símbolos organizados por Stekel em "Die Sprache des Traumes" (1911), lembrando

do entretanto, a ausência de senso crítico do autor: "De acordo com Stekel, "direita" e "esquerda" nos sonhos têm um sentido ético. A via à direita sempre significa o caminho da retidão, e a da esquerda, o do crime. Assim "esquerda" pode representar homosexualidade, incesto ou perversão, e "direita" pode representar casamento, relações sexuais com uma prostituta e assim por diante... Stekel explica que o ato de perder um carro significa pesar pela diferença de idade que não se pode alcançar... Viajar com bagagem é uma carga de pecado diz ele, que oprime alguém. Mas, precisamente, bagagem vem a ser, muitas vezes um símbolo inegável dos próprios órgãos genitais de quem sonha..."(p.381)

Na conferência X (17) , Freud afirma, como já vimos, que "a gama de coisas as quais, se confere uma representação simbólica nos sonhos não é ampla: o corpo humano como um todo, os pais, os filhos, irmãos e irmãs, nascimento, morte, nudez - e algumas outras coisas mais"(p. 183).

Lorenzer (27) afirma que o reconhecimento nos símbolos de signos "constantes", independentes do indivíduo trouxe consequências sérias à psicanálise, levando a atribuir aos símbolos do sonho o valor de elementos de uma "linguagem do inconsciente"-, originando uma concepção baseada na conversão da metapsicologia numa metafísica, que se desenvolve até o momento presente.

O autor critica esta concepção, dizendo que"... a ontologização do inconsciente, sua coisificação como "base da

alma" é em especial perniciosa para o conceito de símbolo. Assim se recai na desmesura da concepção romântica do símbolo. Desta afirmou Buhler (2) que "os românticos... hipertrofiaram o conceito de símbolo numa pletora de significação que se iguala com a "alegria" transbordante de significados"... , assim o conceito se desvia por completo da matriz esclarecedora da psicanálise, e a ameaça no perigo de converter-se no refúgio de um misticismo acrítico (p. 24).

Esta concepção de símbolo implica na separação deste conceito do sujeito, adquirindo um caráter de revelação, recaindo no sentido religioso, metafísico, sem qualquer posição crítica. Lorenzer diz que "a psicanálise, se seguisse este rumo, perderia com este giro, o caráter de ciência natural e, ao mesmo tempo o de ciência social." (p.25).

Lorenzer introduz a expressão "verdadeiro simbolismo" equivalente à expressão freudiana de "simbolismo universal" (encontramos uma referência a esta equivalência no texto das "Conferências Introdutórias de Psicanálise" (17), que diz o seguinte: "Podemos apenas manter firme a suspeita de que existe uma relação especialmente íntima entre símbolos verdadeiros e sexualidade"(p.199)), enfatizando que o seu significado constante e a sua independência de condições individuais contribuiu para o surgimento da corrente que desejava ontologizar o inconsciente, trazendo dificuldades à psicanálise: "se nos símbolos é preciso ver formações "constantes" e "supraindividuais". que não de considerar-se, ademais, como exteriorizações do inconsciente, se corre o perigo de que por inconscien-

te se entenda um campo independente do sujeito, uma essência que se exterioriza em revelações - os símbolos", (pp. 26, 27).

Critica esta concepção, dizendo que "... é um suposto inaceitável para a teoria psicanalítica. É uma proposição "metafísica" que abre o caminho a construções como o inconsciente coletivo de Jung" (27). Para evitar esta perspectiva metafísica do inconsciente é preciso deixar de olhar para o ponto de vista topográfico - descritivo, e se dirigir para o dinâmico - sistemático, onde o sujeito participa na produção do símbolo, o processo não é mais isolado do sujeito; dizendo o seguinte: "Então os símbolos podem se considerar exteriorizações do inconsciente e não obstante, operações do sujeito, resultados que por certo se alcançam sem aquiescência do sujeito, mas não com independência dele, como se fôssem emanções de um reino transcendente de essências". (p.27).

Para Freud o simbolismo universal é filogenético, o processo se passa dentro do indivíduo. Vem de épocas pré-históricas, não depende da língua do indivíduo, e não é resultado do trabalho do sonho. Já, o simbolismo individual é resultado da elaboração onírica. Em "Sobre os Sonhos" (11), Freud afirma que "alguns símbolos são universalmente disseminados e podem ser encontrados em todos aqueles que sonham pertencentes a um grupo linguístico ou cultural único, há outros que ocorrem apenas dentro dos limites mais restritos e individuais, símbolos construídos por um indivíduo a partir de seu próprio material ideacional..." (p. 723).

Ao falar de um inconsciente coletivo universal, filogenético, Freud não pretendia que este fosse considerado uma entidade. Assinalou em "Representação por símbolos nos sonhos" (10) o seu caráter genético, herdado, "... aqueles que sonham tem o simbolismo à sua disposição desde o início." (p. 398). Pretendia explicar a metafísica, as nossas concepções de Deus, de destino através da metapsicologia. O simbolismo universal sendo "supraindividual" não significa que seja superior, divino, pertencente a uma entidade, mas sim, representa nexos associativos do inconsciente filogenético pertencente à espécie humana. O simbolismo existe universalmente, mas toma forma no indivíduo, de acordo com determinado indivíduo.

Estendendo o conceito de simbolismo para além dos sonhos, diz que "o simbolismo onírico... é, com toda a probabilidade, uma característica do pensamento inconsciente que supre a elaboração onírica com o material para a condensação, o deslocamento e a dramatização". (p. 724).

O simbolismo é, então, uma forma de representação indireta da ideia inconsciente, que fornece um material já pronto, estabelecido à elaboração onírica. Pode representar o material reprimido, os restos diurnos, a impressão sensorial noturna, ao lado de condensações, deslocamentos e dramatizações.

A linguagem do sonho é imagética, não verbal. O sonho é uma forma de simbolismo apresentativo. A ideia é transformada em percepção e o pensamento em dramatização. A drama-

tização corresponde ao pensamento no estado de vigília. Como a firma Freud em "A Interpretação dos Sonhos": "Os sonhos cons - troem uma situação dessas imagens, representam um fato que realmente está acontecendo, como o diz Spitta... eles dramatizam uma idéia... nos sonhos - via de regra, pois há exceções que exigem exame especial - parece que não pensamos, mas passamos por uma experiência, isto é, atribuímos completa crença às alucinações". (p. 52).

O simbolismo surge nos sonhos ao lado desses mecanismos de condensação, deslocamento, dramatização, sendo que o seu conhecimento se torna fundamental para a interpretação dos sonhos, ao lado da associação livre do sonhador. Ainda em "Sobre os Sonhos" (11), Freud diz o seguinte sobre o simbolismo: "Ele prestará contudo, a assistência mais valiosa à interpretação, precisamente em pontos nos quais as associações do que sonhou são insuficientes ou faltam inteiramente". (p. 727) Chegamos então a afirmativa de Laplanche e Pontalis (26): "Daqui resulta que existiram duas espécies de interpretação do sonho, uma apoiando-se nas associações daquele que sonha e a outra independente delas, a interpretação dos símbolos". (p.630)

Freud questiona a origem desse simbolismo, já que o uso idiomático abrange apenas uma parte dele. Como já vimos, o simbolismo se estende para outras áreas, sendo o simbolismo onírico apenas um dos campos de expressão simbólica. O campo do simbolismo é amplo. É empregado nos mitos, contos de

fadas, ditados, canções, poesias, e em outros contextos. Alguns símbolos aparecem nos sonhos raramente, enquanto são comumente utilizados em outras áreas e vice-versa. Daí, a seguinte afirmação de Freud encontrada nas "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise" (17): "Tem-se a impressão de que nos defrontamos aqui com um modo de expressão antigo, porém extinto, cujas diferentes partes sobreviveram em diferentes campos de fenômenos, uma parte somente aqui outra somente ali, uma terceira parte, talvez, com suas formas ligeiramente modificadas, em diversas áreas. E nisso, recordo-me da fantasia de um interessante paciente psicótico que imaginou uma "linguagem básica" da qual todas essas relações simbólicas seriam resíduos" (pp. 198,199). Freud estava se referindo a Schreber.

Schreber ao expor o processo de purificação que sofrem as almas humanas, quando mortas, refere-se, na sua fantasia, como diz Freud, ao simbolismo aqui examinado. No "Caso Schreber" (14), Freud transcreve esta concepção através do relato autobiográfica de Schreber: "Almas importantes, aquelas de homens como Goethe, Bismarck, etc., podem ter de manter seu senso de identidade por centenas de anos mais, antes que também elas possam transformar-se em complexos anímicos superiores tais como "raios de Javé no caso do antigo povo judeu, ou "raios de Zoroastro", no caso da antiga Pérsia. No decurso de sua purificação, "as almas aprendem a língua que é falada pelo próprio Deus, a chamada "língua básica", um alemão vigoroso, ainda que um tanto antiquado, que se caracteriza especialmente pela grande riqueza de eufemismos". (p. 39, 40).

O simbolismo nos outros campos mencionados por Freud tem a característica de não ser apenas sexual, enquanto que nos sonhos, diz Freud, "os símbolos são empregados quase exclusivamente para expressão de objetos e relações sexuais".(p.199) . Fala que este assunto é de difícil explicação lançando a seguinte questão, ainda na conferência (17), proferida em 1916, sobre os símbolos: "Deveríamos supor que os símbolos, que originalmente possuíam uma significação sexual, mais tarde tenham adquirido outra aplicação e que, ademais disso, a atenuação da representação por símbolos em outros tipos de representação pode estar em conexão com este aspecto". (p. 199).

Sobre este aspecto cita o trabalho do filólogo Hans Sperber (1912), de Uppsala, independente da psicanálise que argumenta que "as necessidades sexuais desempenharam o papel principal na origem e no desenvolvimento da linguagem". (p.199) Sperber diz que os sons originais da linguagem eram destinados à comunicação e "atraíam o parceiro sexual sendo que o desenvolvimento posterior da linguagem acompanhou as atividades de trabalho do homem primitivo, que eram realizadas em grupo e acompanhada por "expressões ritmicamente repetidas". (p. 199).. Então, o interesse sexual permaneceu ligado ao trabalho, sendo o trabalho aceitável por representar um substituto da atividade sexual. As palavras faladas durante o trabalho designavam atividades sexuais e laborativas... Com o passar do tempo as palavras se separaram do significado sexual, fixando-se no trabalho.

Assim Freud afirma que "numerosas raízes de palavras teriam sido formadas, todas elas de origem sexual, perdendo subsequentemente sua significação sexual. Se é correta a hipótese que delineei aqui, ela nos possibilitaria compreender o simbolismo dos sonhos". E acrescenta esta "conclusão". "A relação simbólica seria o resíduo de uma antiga identidade verbal, coisas que numa época foram chamadas pelo mesmo nome, tanto que os genitais poderiam agora servir como símbolo para os mesmos, nos sonhos" (p. 200), isto é, Freud quer dizer que em épocas primitivas os símbolos que aparecem nos sonhos, como armas e objetos pontiagudos para representar o órgão sexual masculino, e materiais ôcos para representar o feminino, eram utilizados em atividades laborativas, daí a sua presença de forma primitiva nos sonhos.

O simbolismo seria então um resíduo de uma identidade verbal primitiva, que se apresenta nos sonhos de uma forma característica, em imagens. Podemos observar que a definição de simbolismo é vaga, o que nos faz pensar que seja devido a multiplicidade de explicação do fenômeno de simbolização. Mas, podemos dizer que se pode definir símbolo por comparação, alusão, substituição, resíduo de uma antiga identidade verbal que implicaria numa linguagem básica.

Agora, podemos afirmar que o básico no simbolismo universal seria a identidade de uma linguagem primitiva. Laplanche e Pontalis (26) afirmam que a existência de um modo de expressão simbólico caracterizado dessa maneira gera ques

tões genéticas: "como foram os símbolos forjados pela humanidade? como é que o indivíduo se apropria deles?" (p.630). Situam o surgimento da teoria do "inconsciente coletivo" de Jung devido a esta problemática. Como também, já observamos que a tentativa de ontologização do inconsciente, afirmando a existência de um inconsciente antes de nós, transcendente a nós, tenta responder a estas questões. Mas, Freud busca solucionar este problema ao emitir a hipótese de uma herança filogenética isto é, que se passa dentro do indivíduo de geração a geração através de uma identidade verbal primitiva.

Freud diz que "a mais profunda compreensão" da "linguagem primitiva" sobrevive no campo das neuroses, sendo o seu material sintomas e outras manifestações de pessoas neuróticas. Então, podemos concluir que o símbolo mnêmico, as simbolizações de pacientes histéricos são em alguns casos também manifestações desta antiga identidade verbal.

Ainda na Conferência X (17), Freud argumenta sobre a relação entre o simbolismo e a censura onírica, dizendo que "o simbolismo é um segundo e independente fator de deformação de sonhos, ao lado da censura de sonhos", já que mesmo que não houvesse a censura onírica, a presença do simbolismo implicaria no encontro de elementos mudos no conteúdo manifesto do sonho, necessitando, então, "a tarefa de traduzir a linguagem simbólica dos sonhos para a de nosso pensamento desperto". Mas Freud diz que é possível supor que "a censura de sonhos julga conveniente fazer uso do simbolismo, porque isso conduz ao

mesmo fim; o caráter estranho e incompreensível dos sonhos" (p.201).

Ao finalizar a conferência Freud se dirige àqueles que criticam o simbolismo onírico afirmando que a sua ampla difusão em outras áreas, como no mito, na arte, na religião na linguagem se torna inquestionável. Assim, associa esta crítica com a teoria da sexualidade: "A responsável não será novamente sua conexão com a sexualidade?" (p. 201). Freud demonstrou a íntima relação entre o símbolo e a sexualidade, gerando novamente opositores que combateram a sua teoria do simbolismo que se baseia, como toda sua obra, no campo da sexualidade humana.

Laplanche e Pontalis (26) afirmam que Freud designa, através da filogênese, certos fantasmas (cena originária, castração, sedução) encontrados em todos os indivíduos, logo a sexualidade poderia de uma forma ser explicada através de sua constituição "no seio de estruturas inter-subjetivas que preexistem à sua emergência no indivíduo". (p. 623). Assim, podemos compreender melhor o enlace realizado por Freud entre sexualidade e simbolismo, objeto de nosso estudo neste trabalho.

C A P Í T U L O I V

O CONCEITO DE SÍMBOLO NA PSICANÁLISE CLÁSSICA: DE FREUD A JONES

Ernest Jones, em seu trabalho "A Teoria do Simbolismo" (23), afirma que o seu interesse por este tema surgiu através da observação de que a interpretação de símbolos num tratamento psicanalítico gera forte resistência no paciente, como também este assunto fez surgir um grande movimento de oposição a psicanálise em geral, como o próprio Freud assinou, o que já citamos no capítulo anterior, e também, desejando atingir uma compreensão mais completa sobre a natureza teórica do simbolismo.

Num sentido mais amplo o termo simbolismo, segundo Jones, pode incluir quase todo o desenvolvimento da civilização: "O progresso da mente humana, quando considerada geneticamente, parece consistir... dos dois processos que se seguem: de um lado a extensão ou transferência de interesse e compreensão das mais iniciais, simples e primitivas idéias, etc. para outras mais difíceis e complexas, que num certo sentido são prosseguimentos e simbolizam as precedentes, e por outro lado, a constante descoberta dos simbolismos anteriores, o reconhecimento que estes... são realmente só aspectos ou represen-

tações da verdade, os únicos possíveis pelas nossas mentes — por motivos afetivos ou intelectuais — naquele tempo" (pp. 87, 88).

Na tentativa, de precisar a definição de símbolo, Jones cita seis atributos que auxiliam na sistematização do conceito:

- "1 - Um símbolo é um representante ou substituto de alguma ou tra idéia da qual no contexto deriva um significado secundário não inerente nela própria. É importante notar que o fluxo do significado é da primeira idéia para a secundária, para o símbolo, assim tipicamente a idéia mais essencial é simbolizada pelo menos essencial...
- 2 - Representa o elementos primário por ter algo em comum com ele...
- 3 - Um símbolo é caracteristicamente sensorial e concreto , ao passo que a idéia representada pode ser relativamente abstrata e complexa. O símbolo, assim, tende ser mais curto e mais condensado que a idéia representada...
- 4 - Os modos simbólicos de pensamento são os mais primitivos não só ontogeneticamente e filogeneticamente, mas também representam uma reversão para algum estágio mais simples e primitivo do desenvolvimento humano. Eles são, portanto, mais comumente encontrados em condições que favore -

cem tal reversão, por exemplo, fadiga, sonolência, doença orgânica, neurose e demência, e, sobretudo, em sonhos, onde a vida mental consciente é reduzida quase ao mínimo...

- 5 - No uso mais frequente da palavra, um símbolo é a expressão manifesta de uma idéia que está mais ou menos escondida, secreta, ou mantida em reserva... A maior parte das pessoas que empregam o símbolo não tem consciência do que ele no momento representa.
- 6 - Os símbolos se assemelham aos chistes por serem formados espontaneamente, automaticamente, e no sentido mais amplo da palavra, inconscientemente "... " (pp: 89,90).

Jones propõe chamar de simbolismo verdadeiro uma das formas de representação indireta, onde são encontrados os seis atributos citados acima, sendo que uma importante característica desta forma de simbolismo é que a interpretação do símbolo, geralmente evoca uma reação de surpresa, incredulidade, naqueles que não estão familiarizados com ela.

O autor se refere, em seu trabalho, a Rank e Sachs (28), que definem os símbolos como um tipo especial de representação indireta que se distingue da metáfora, alegoria, alusão e outras formas de representação pictorial do material do pensamento: "o símbolo representa uma união quase ideal de todos estes meios de expressão: é uma expressão de

deslocamento perceptual substitutiva de algo escondido com o qual tem evidente características em comum ou é emparelhado por conexões associativas internas. Sua essência reside no fato de ter dois ou mais significados, como, na verdade ele se origina num tipo de condensação, uma amalgamação de elementos de característica individual. Sua tendência do conceitual para o perceptual indica a sua proximidade do pensamento primitivo, por esta afinidade, a simbolização, essencialmente, pertence ao inconsciente embora funcione como um compromisso e nela de nenhum modo falta fatores determinantes conscientes, que, em vários graus, condiciona tanto a formação de símbolos como a compreensão deles" (p. 96)

Também, especificam as características do simbolismo verdadeiro que são comentadas por Jones. São elas:

- 1 - "representação do material inconsciente" - Jones diz que, provavelmente, esta é a característica que mais distingue o simbolismo verdadeiro de outros processos, os conceitos simbolizados não são conhecidos pelo indivíduo, como também o afeto que investe o conceito está num estado de repressão, logo, inconsciente.
- 2 - "significado constante" - Este atributo é discutido por Jones, que insere algumas modificações. Afirma que um certo símbolo pode ter dois ou mais significados, como num sonho um quarto pode simbolizar uma mulher ou útero, a in

terpretação dependendo do contexto e das associações do indivíduo que sonha. Agora, a variação de significado do símbolo é restrita, o que se pode observar através da sua presença em diferentes campos no mito, no folclore e também em diferentes tipos de pessoas, sendo que a interpretação se torna uma questão não sobre um ou outro sentido, mas sobre ambos, devido a uma condensação.

- 3 - "Independência de fatores de condicionamento individual" - Jones diz que no lugar de "independência" seria melhor afirmar "não-dependência sobre", já que o simbolismo não é condicionado somente por fatores individuais. O indivíduo tem uma participação limitada na formação do símbolo, pois os fatores determinantes mais importantes são aqueles que são comuns à humanidade. Mas, o indivíduo pode escolher qual símbolo, entre outros símbolos, para representar uma determinada idéia, embora não possa dar a um símbolo regular um significado diferente. Ele pode escolher seus símbolos, mas não modificar o significado deles.
- 4 - "Base evolucionista" - Seria o aspecto genético do simbolismo, logo em relação ao indivíduo e a raça.
- 5 - "Conexões linguísticas" - A etimologia revela que apesar da palavra que denota o símbolo não aparentar, muitas vezes, ter conotação com a idéia simbolizada, a história sempre mostra alguma conexão com a última. Jones cita o exem

plo de polichinelo, que vem do napolitano "pol(l)ecenella", que é diminutivo de "pollecena" (cria do peru), reconhecido símbolo fálico: "A raiz latina é "pullus", que significa cria de qualquer animal; o falo é frequentemente, por razões óbvias, identificado com a idéia de uma criança masculina, um menino pequeno ou um homem pequeno". (p. 99)

Jones afirma que este nome passou a ser utilizado nesta conexão devido a semelhança entre o nariz do ator e o bico de pássaro, sendo tanto nariz e bico símbolos fálicos.

6 - "Paralelos filogenéticos" - Os mesmos símbolos são encontrados em diferentes campos como nos sonhos, nos mitos, na poesia, na demência etc, como também, em diferentes raças e diferentes épocas da história da humanidade.

Jones formula a concepção de simbolismo somando a estes seis atributos acima os outros seis mencionados anteriormente, diferenciando-a de outros modos de representação indireta.

Lorenzer, em seu livro "Crítica del concepto psicoanalítico de símbolo" (27) chama atenção para a relativização, realizada por Jones, dos dois atributos fundamentais do verdadeiro simbolismo, o significado constante e a independência em relação a condições individuais, que, no período do florescimento deste simbolismo, haviam atingido o primeiro pla

no, implicando na tendência de ontologização do inconsciente*. Afirma o seguinte: "Para ambos os traços, por tanto, Jones recoloca a conexão do símbolo com as cadeias associativas; submete o símbolo ao emprego metódico da associação livre". (p. 23). Assim, restaura o que antes já era afirmado por Freud, a interpretação do símbolo se faz dependente do método de associação livre. O simbolismo se torna referente ao sujeito, e não independente do sujeito, evitando assim, a ontologização do inconsciente.

O conceito de símbolo, diz Lorenzer, sofre modificação neste caminho reabilitado por Jones pois é eliminada a diferença de certo modo, entre simbolização e símbolo: "Na medida em que o símbolo é submetido à aplicação metódica da teç-nica das associações, se esfumaça a diferença fundamental entre símbolo e simbolização. Em ambos os casos os conteúdos são suscetíveis de "compreensão", e em ambos, indistintamente, a análise deve avançar pelo mesmo caminho...". (p. 39)

Segundo Jones os símbolos "representam idéias do self e dos parentes imediatos de sangue, ou dos fenômenos de nascimento, amor e morte". (p. 102). Logo, representam as idéias e os interesses mais primitivos. O "self" compreende todo o corpo ou qualquer parte dele, mas não a mente. O núme-

* Assunto discutido no capítulo anterior.

ro de símbolos encontrados é grande, embora o número de idéias simbolizadas é restrito.

A questão da gênese do simbolismo para Jones é de difícil resposta. Parte da suposição de que no simbolismo a comparação entre duas idéias é estabelecida inconscientemente, sendo que uma delas, a idéia secundária, pode desconhecidamente se tornar substituta, e representar a primeira ou primária idéia. Esta argumentação traz imediatamente duas questões: "Por que duas idéias são identificadas sendo que a mente consciente não descobre a sua similaridade? E por que uma idéia simboliza a outra e não o inverso?" * (p. 104)

Tentando responder a primeira questão Jones afirma que é a mente primitiva que institui a comparação entre as duas idéias, e não a mente adulta e consciente. Diz que a base de todo simbolismo é uma identificação original, citando Freud em "A Interpretação de Sonhos": "O que hoje está simbolicamente conectado, foi, provavelmente nos tempos iniciais, unidos numa identidade linguística e conceitual. A relação simbólica parece ser relíquia e sinal de uma identidade que uma vez existiu". (p. 105).

O resultado de um deslocamento onírico com condensação é uma idéia secundária B, que representa A, que pode ser uma composição quando liga coisas ou animais e uma identi-

* Esta segunda questão será abordada na página 88.

ficação, quando num sonho com duas pessoas, o indivíduo mistura aspectos das duas, formando uma. Esta idéia é uma identificação. Freud, em "Sobre os Sonhos" (11), afirma o seguinte: "O processo de condensação, além disso, explica certos constituintes do conteúdo dos sonhos que lhes são peculiares e não são encontrados na ideação da vigília. O que tenho em mente são "figuras compostas e "coletivas" e as estranhas "estruturas compostas" que são criações não dessemelhantes dos animais compostos inventados pela imaginação folclórica do Oriente... Em todos estes casos a combinação de diferentes pessoas num único representante no conteúdo do sonho tem um significado; ela se destina a indicar um "e" ou "tal como" ou comparar as pessoas originais mutuamente em algum aspecto determinado, que pode mesmo ser especificado no próprio sonho... Sua estranheza desaparece completamente uma vez que tenhamos decidido não classificá-las com os objetos de nossa percepção de vigília, mas relembrar que elas são produtos da condensação onírica e estão dando ênfase, numa forma eficazmente abreviada, a alguma característica comum dos objetos que estão dessa maneira combinando. Mais uma vez aqui, o elemento comum, em regra, tem de ser descoberto pela análise". (p.690).

Freud usa o termo identificação para designar dois processos diferentes. O primeiro, já visto, em parte acima, sobre o qual Jones versa em seu trabalho; e outro mecanismo, onde um indivíduo escolhe outros indivíduos para se identificar. Deteremo-nos no primeiro processo, na medida que a sua compreensão é de interesse para o desenvolvimento do as-

sunto tratado por Jones. A diferença se situa no seguinte: Co nheço dois indivíduos, posso sonhar com os dois indivíduos, onde se dá uma identificação de A com B, e não eu com A e com B. Aparece aí, o fenômeno relacionado com a formação do sonho, que é uma das formas onde se expressa o simbolismo.

Em "A Interpretação de Sonhos" (10), Freud diz que "o elemento comum que justifica, ou antes causa, a combinação das duas pessoas, pode ser representada no sonho ou dele omitida. Em geral, a identificação ou construção de uma pessoa composta se verifica para a finalidade mesma de evitar a representação do elemento comum. Ao invés de dizer: "A tem sentimentos hostis para comigo, bem como tem B", eu formo uma pessoa composta de A e de B no sonho, ou imagino A executando um ato de outra natureza, que é característica de B. A figura onírica assim construída aparece no sonho em alguma conexão inteiramente nova, e a circunstância de que ela representa tanto A como B me justifica no inserir, no ponto apropriado do sonho, o elemento que é comum a ambos, a saber, uma atitude hostil para comigo" (p. 342).

E prossegue: "Quando um elemento comum entre duas pessoas é representado num sonho, geralmente isso constitui uma sugestão para que procuremos outro elemento comum oculto, cuja representação se tornou impossível em virtude da censura. Um deslocamento no tocante do elemento comum foi feito a fim de, por assim dizer facilitar sua representação. O fato de a figura composta aparecer no sonho com um elemento comum indiferente leva-nos a concluir que existe outro elemento co-

num longe de ser indiferente presente nos pensamentos oníricos.

Em consequência a identificação ou a produção de figuras compostas serve a várias finalidades nos sonhos: em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum deslocado, e, em terceiro, também para expressar um elemento comum meramente impregnado de desejo. Visto que desejar que duas pessoas tivessem um elemento comum frequentemente coincide com a troca de uma pela outra, esta segunda relação também se expressa nos sonhos por meio de identificação". (pp. 342, 343).

Jones diz que a tendência da mente primitiva de identificar objetos, e unir idéias é universal, sendo observada em crianças, selvagens, sonhos, demência e outros produtos do inconsciente. A mente nota as semelhanças, e não as diferenças, sendo que esta impressão é um dos atributos de maior importância da mente. A partir desta argumentação surgem duas hipóteses. A primeira, usualmente aceita, refere este fenômeno a estrutura da mente não desenvolvida, assim denominada de hipótese estática, chamando atenção a uma incapacidade intelectual de discriminar. A segunda, a hipótese psicanalítica, admite a importância deste fator, embora o considere insuficiente para explicar todo o fenômeno.

Para Jones, não é só um fator que explica este processo, mas sim, três fatores, que estão presentes na tendência, universal da mente primitiva de identificação. Considera

o primeiro fator, de incapacidade mental, como o menos importante. O segundo fator se relaciona com o "princípio de prazer - desprazer", e o terceiro fator, que também é considerado por Rank e Sachs, se refere ao "princípio de realidade". Assim, afirma Jones: "A característica básica em todas as formas de simbolismo é a identificação. Esta é uma das mais fundamentais tendências da mente, e é muito mais pronunciada em suas regiões mais primitivas. A falta de discriminação implicada por ela, é somente, por um muito leve grau, condicionada pelo desenvolvimento intelectual imperfeito, sendo que a tendência de identificar é principalmente devida aos dois fatores seguintes, que se relacionam ao princípio do prazer e o princípio da realidade respectivamente" (p. 138).

Jones critica a visão do sonho, como também da demencia, como um produto defeituoso da mente. Podemos afirmar que a incapacidade de discriminação da mente pode ser devido a imaturidade, a fixação ou por defeito. Não se pode reduzir a incapacidade mental a uma situação de defeito. Também pode ser defensiva, regressiva. A mente pode ser incapaz de discriminar na medida em que ela não é desenvolvida o suficiente para tal, é imatura. Ao se desenvolver aprende a discriminar prazer-desprazer, dentro-fora, etc. Se tem pouca discriminação faz uma fusão com o mundo, como o bebê que considera sua mãe seu prolongamento.

Parece-nos importante inserir neste momento o pensamento de Ernst Cassirer em "Linguagem e Mito" (3) que aí diz que

é ingênuo pensar que a realidade das coisas é direta e inequivocamente dada. Citaremos o próprio autor: "Se o real é concebido desta forma, é compreensível que tudo aquilo que não possua tal espécie de realidade sólida se dissolva necessariamente em mera ilusão e fraude. Por mais fino que seja o fio desta aparência e por mais multicores e agradáveis que sejam suas imagens, tal aparência continuará a não possuir um conteúdo autônomo, nem qualquer significação intrínseca. Com efeito, ela reflete algo real, mas é uma realidade cuja medida jamais pode dar e que nunca é capaz de reproduzir adequadamente... E, em última instância é atingível por este veredicto não só a simples cópia de todo modelo dado sensorialmente, mas também tudo o que se conhece como idealização, maneira ou estilo, pois a própria idealização, medida pela simples "verdade" daquilo que se quer representar, não passa de distorção subjetiva e desfiguração. Analogamente, parece que qualquer processo de enformação espiritual implica a mesma distorção violenta, o mesmo abandono da essência da realidade objetiva e das realidades imediatas da vivência. Isto porque nenhum processo desta ordem chega a captar a própria realidade, tendo que, para representá-la, poder retê-la de algum modo recorrer ao signo, ao símbolo. E todo signo esconde em si o estigma da mediação, o que o obriga a encobrir aquilo que pretende manifestar". (pp. 20,21).

Logo, quando Jones critica Silberer (30), ao afirmar que "de acordo com a maioria dos escritores, eu vejo como a principal e mais geral condição de formação de símbolo — válida em relação aos fenômenos de saúde e doença, no indivíduo

e na raça - uma inadequação da faculdade de apreensão ao observar seu objeto, ou, como também pode-se dizer uma insuficiência aperceptiva" (pp. 106,107), ele pretende demonstrar que apesar deste fator estar presente, não quer dizer que ocorra um defeito na mente, mas sim, esta forma de apreensão é característica da mente primitiva, o que se reproduz no sonho, no mito, na demência e outras formas de expressão simbólica.

Cassirer prossegue dizendo que "... não só o mito, a arte e a linguagem, mas até o próprio conhecimento teórico chegam a ser mera fantasmagoria, pois nem este pode refletir a autêntica natureza das coisas tais como são, devendo delimitar sua essência em "conceitos". Mas, o que são os conceitos senão formações e criações do pensar, que, em vez da verdadeira forma do objeto, encerra antes a própria forma do pensamento?... Assim, tanto o saber como o mito, a linguagem e a arte, foram reduzidos a uma espécie de ficção, que se recomenda por sua utilidade prática, mas à qual não podemos aplicar a rigorosa medida da verdade, se quisermos evitar que se dilua no nada.

Contra esta autodestruição do espírito não resta senão um remédio: aceitar com toda seriedade o que Kant chamou de "revolução coperniciana". Em lugar de medir o conteúdo, o sentido e a verdade das formas intelectuais por algo alheio, que deva refletir-se nelas imediatamente, cumpre descobrir nestas próprias formas, a medida, o critério de sua verdade e significação intrínseca. Em lugar de tomá-las como meras repro-

duções, devemos reconhecer, em cada uma, uma regra espontânea de geração, um modo e tendência originais de expressão, que é algo mais que a mera estampa de algo de antemão dado em rígidas configurações de ser. Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos: não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo. Neste domínio, apresenta-se este autodesdobramento do espírito, em virtude do qual só existe uma "realidade", um ser organizado e definido. Consequentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converter-se em objeto de captação intelectual e, destarte, tornar-se visível para nós" (pp. 21,22).

Agora, Cassirer afirma que todas as formas simbólicas se desprendem gradativamente, de sua "mãe-terra" que é o mito: "Manifesta-se aqui uma lei que tem a mesma validade para todas as formas simbólicas que determina essencialmente seu desenvolvimento. Nenhuma destas formas se apresenta, de pronto, como configuração isolada, existente por si, reconhecível em si mesma, mas todas se desprendem aos poucos de sua mãe-terra comum que é o mito... A consciência teórica, prática e estética, o mundo da linguagem e do conhecimento, da arte, do direito e o da moral, as formas fundamentais da comunidade e do Estado todas elas se encontram originariamente ligadas à consciência mítico-religiosa... as formas individuais, ao pro-

curarem sair do todo originário e enfrentá-lo com a exigência de peculiaridade específica, parecem desenraizar-se com isto e perder parte de sua própria essência. Só aos poucos ficamos sabendo que justamente esta auto-entrega representa um momento necessário em seu autodesdobramento, que a negação contém o germe de uma nova conexão que, por sua vez, surge de outras postulações heterogêneas. (pp. 63, 64).

A linguagem já seria uma forma simbólica mais discriminada, "... quando o agir do homem se organiza interiormente e sua concepção do ser adquire uma determinação cada vez mais nítida" (p.56). Assim, quando o homem entra na linguagem, dispõe do símbolo da negativa, que já seria um enriquecimento de sua vida mental.

Freud, em seu trabalho "A negativa" (20), estuda um novo mecanismo de defesa capaz de permitir o levantamento do reprimido: "Assim o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado" (pp.295,296). Em vez de fazer distorção, disfarce para o reprimido como no símbolo onírico, ele surge inteiro na consciência mas só que é negado. A negativa* é um símbolo verbal, diferente do símbolo onírico, que é distorcido.

* Segundo Laplanche e Pontalis (26): negação ou (de) negação em português, "Verneinung" em alemão, "(de) négation" em francês, e "negation" em inglês.

O simbolismo onírico é apresentativo, como diz S. Langer, em quanto que a negativa é um simbolismo discursivo.

Através do uso do símbolo da negativa, surge um novo tipo de defesa relacionada ao juízo podendo substituir a defesa mnêmica que se dá pela repressão, como também a defesa perceptual, através da recusa. Encontramos a seguinte afirmação de Freud que explicita este tipo de defesa: "De vez que afirmar ou negar o conteúdo de pensamentos é tarefa da função do julgamento intelectual, o que estivemos dizendo nos levou a origem psicológica dessa função. Negar algo em um julgamento é no fundo, dizer: "Isso é algo que eu preferiria reprimir". Um juízo negativo é o substituto intelectual da repressão, o seu "não" é a marca distintiva da repressão, um certificado de origem - tal como, digamos, "Made in Germany". Com o auxílio do símbolo da negativa, o pensar se liberta das restrições da repressão e se enriquece com material indispensável ao seu funcionamento correto" (pp. 296, 297).

No texto, Freud diz que a função de julgamento se relaciona com duas espécies de decisões: "Ele afirma ou desafirma a posse em uma coisa, de um atributo particular, e as severa ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade... Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instituais orais - o julgamento é: "Gostaria de comer isso, ou gostaria de cuspi-lo fora", ou, colocado de modo mais geral "gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora." Isso equivale a dizer: "Estará dentro de mim" ou "estará fora de

mim". Como demonstrei noutro lugar, o ego-prazer original de seja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos." (p.297).

Podemos dizer que afirmar ou desafirmar alguma coisa se relaciona com o processo de discriminação. Na medida que digo que alguma coisa é ou não é, estou discriminando. Assim a negativa é um símbolo verbal, discursivo, e como Freud afirma: "O desempenho da função de julgamento contudo não se tornou possível até que a criação do símbolo da negativa dotou o pensar de uma primeira medida de liberdade das consequências da repressão, e, com isso, da compulsão do princípio de prazer". (p. 300).

Agora, Jones, em seu trabalho, fala de um simbolismo que se aproxima mais do simbolismo onírico apresentado por Freud. Retornando ao texto de Jones, "A Teoria do Simbolismo" (23) vemos que ele se refere a mais dois fatores relacionados ao fenômeno de identificação. O segundo fator, que conduz a falta de discriminação, diz respeito ao princípio de prazer. Quando à mente primitiva é apresentada uma nova experiência ela se apropria das semelhanças entre esta experiência e experiências mais antigas, devido a duas razões. A primeira razão é que a mente primitiva observa o que lhe é de maior interesse, logo o que é mais prazeroso ou doloroso. A segunda razão se refere a questão da facilidade: "Quando uma experiência nova é apresentada a mente é certamente mais fácil perceber os pontos de

semelhança entre ela e experiências familiares anteriores" (p. 107). Este motivo se relaciona com a busca do prazer.

O terceiro fator, diz Jones, não pode ser distinguido claramente do último citado, apesar de se referir ao princípio de realidade. A apreciação de semelhanças, facilita a assimilação de novas experiências, sendo que a tendência instintiva é de unir o novo com o antigo na busca de um solo comum, como também tornar o desconhecido em conhecido, logo compreendido, inteligível. Assim, diz Jones: "Neste sentido o processo de fusão ou identificação ajuda o nosso poder de realidade, tornando possível para nós lidar com ele mais adequadamente" (p. 108). Logo seria uma identificação a serviço de uma adaptação a realidade.

Estes dois últimos fatores se relacionam com a falta de discriminação da mente primitiva já que esta adaptação a realidade, como o próprio Jones diz, pode ser "um processo com grave possibilidade de defeitos" (p. 108), já que a assimilação do novo se dá pela identificação com o antigo, logo este novo não é discriminado como novo. Mas, esta é uma forma de lidar com a realidade da mente primitiva, que não conhece, compreende a experiência nova. Assim afirma Jones: "... a identificação que fundamenta o simbolismo é principalmente determinada pelos dois fatores... que podem ser sumarizados como tendências de buscar prazer e evitar dor, e de aprender a lidar com a realidade de um modo mais fácil e mais econômico. Era assim que o homem primitivo deve ter encontrado o mundo, o de-

sejo da facilidade e prazer lutando com as demandas da necessidade". (p.111). Como Freud fala, Jones, também diz que, no início, o homem sexualizou suas tarefas, sendo que com a evolução da humanidade o aspecto sexual se separou do trabalho, sendo que esta ligação inicial entre sexualidade e trabalho pode ser melhor compreendida através dos dois fatores citados acima. Como afirma Jones: "A atividade - tarefas na vida do homem primitivo, jogos da criança - torna-se gradativamente independente desta fonte de interesse... mas a antiga associação permanece no inconsciente sendo que em situações apropriadas ela pode se manifestar novamente na forma de simbolismo". (p. 112).

Como vimos anteriormente, Jones discute o problema da gênese do simbolismo, levantando duas questões. A primeira se relaciona com o processo de identificação já discutido acima. Agora, tentaremos com Jones responder a segunda questão: "E por que uma idéia simboliza a outra e não o inverso?" Ilustra a questão com o seguinte exemplo: "uma torre de igreja num sonho, como na antropologia, muitas vezes - embora, claro pode não significar sempre - simboliza o falo, mas um falo num sonho nunca é um símbolo de uma torre de igreja (p.114)". Segundo Jones, este fato demole a hipótese de que o simbolismo seja devido somente a uma insuficiência aperceptiva, uma inabilidade de perceber diferenças, pois se fosse assim não haveria razão do simbolismo não ser recíproco. Cita Ferenczi(4) na seguinte afirmação: "Nós estávamos inclinados a acreditar antigamente, que coisas eram confundidas por que eram similares, atualmente nós sabemos que uma coisa é confundida com outra so-

mente porque certos motivos para que isto ocorresse estavam presentes, a similaridade somente proporciona a oportunidade para que estes motivos funcionem". Jones, então, indaga quais seriam estes motivos que resultariam em duas idéias que se associam na formação de um símbolo, e nunca ocorrendo neste movimento de formação um sentido reverso. Responde dizendo que tem de se considerar o conteúdo do material próprio das idéias onde se observa, de início, "que as idéias simbolizadas são as mais primitivas que se possa conceber, e que são as idéias investidas com o mais forte interesse primário. Secundariamente que ligado a elas estão poderosos processos afetivos e volitivos que estão num estado psíquico de repressão, sendo assim inibidos de entrar na consciencia e de livre expressão externa. Eles são de fato, os mais completamente reprimidos processos mentais conhecidos" (p. 237).

Jones afirma que se observa na psicologia clínica que quando uma tendência afetiva é reprimida ocorre uma formação de compromisso, como exemplo o sintoma neurótico, onde as tendências reprimidas e repressoras estão unidas, ligadas, sendo o resultado um produto substituto. Assim, o símbolo, também, é desta natureza, como outras formações de compromisso é composto de elementos conscientes e inconscientes.

O símbolo é, então, resultado de uma formação de compromisso, como também o sonho, o ato falho, o mito etc. Como diz Jones: "Que o simbolismo, surge como resultado do conflito intrapsíquico entre tendências repressoras e reprimidas

é parecer aceito por todos os psicanalistas" (p.115).

A experiência psicanalítica, diz Jones, mostra que as idéias primitivas da mente, e segundo ele, "as únicas que podem ser simbolizadas (p.116), e que são as idéias que se referem ao "self corporal, a relação familiar, nascimento, amor e morte" (p.116) retêm durante toda a vida do indivíduo no inconsciente sua importância inicial, e muitos interesses secundários da mente consciente derivam delas. Assim Jones conclui o seguinte: "Como a energia flui delas, e nunca para elas, e como constituem a parte mais reprimida da mente é compreensível que o simbolismo aconteça em apenas uma direção. Somente o que é reprimido é simbolizado, somente o que é reprimido necessita ser simbolizado. Esta conclusão é a pedra de toque da teoria psicanalítica do simbolismo" (p.116). Jones, deste modo, responde a segunda questão que levanta sobre a origem e formação do símbolo.

Jones, também, se dirige em seu trabalho ao estudo das sublimações e sua relação com os símbolos, já que elas, também como os símbolos, são resultados do conflito entre impulsos inconscientes e forças inibidoras da repressão, logo são soluções de compromisso, embora diferem dos símbolos, já que a sublimação é uma solução progressiva, de desenvolvimento, enquanto o símbolo implica num processo de regressão.

"Generalizações científicas", "tendências de interesses conscientes", relacionados com o conhecimento avançado são sublimações, desenvolvimentos modificados "em contato com a realidade

de externa" e "elaboração consciente". (p.125).

A regressão pode levar ao simbolismo verdadeiro, quando idéias sublimadas falham, como também, quando uma idéia inconsciente não é possível de ser sublimada, e logo deixar o pensamento primitivo aparecer no consciente, ela permanece no inconsciente havendo o processo de formação do símbolo. Como Jones explicita: "... uma idéia secundária B recebe seu significado de uma idéia primária A, com quem ela se identificou, funcionando como o que se pode chamar de um equivalente simbólico de A. Nesta fase, contudo, ela não constitui ainda um símbolo de A... Ocorre um forte fluxo de sentimento e interesse de A para B, dando a B muito do seu significado, assim sob condições apropriadas é possível para B representar A. De acordo com a perspectiva mantida aqui, o elemento essencial dessas condições é uma inibição afetiva relacionada a A. Isto ocorre com todas as variedades de simbolismo em seu sentido mais amplo. (p.139).

A inibição afetiva, seus diferentes graus, implica no surgimento dos diferentes processos reunidos sob o nome de "simbolismo". Jones fala que quando a inibição está no máximo surge o simbolismo em sua forma mais típica. As duas características básicas do simbolismo em seu sentido restrito são encontradas no texto da forma seguinte: "(1) que o processo é completamente inconsciente, a palavra que vem sido usada no sentido de Freud de "incapaz de conscientização", não como sinônimo de subconsciente, e (2) que o afeto que investe a idéia simbolizada não tem provado ser capaz desta modificação em

qualidade designada pelo termo de "sublimação" (p.139).

Jones demonstra a relação do simbolismo com três grupos de material psíquico:

- (1) os complexos inconscientes.
- (2) as influências inibidoras, a censura, que mantêm estes complexos em estado de repressão.
- (3) as tendências sublimadas derivadas dos complexos inconscientes.

Diz que o simbolismo como o terceiro grupo é resultado do conflito intrapsíquico entre os dois primeiros grupos. A sublimação é também o resultado de uma formação de compromisso. Seria o resultado de uma condensação entre o material em conflito consciente e inconsciente, embora, seja uma solução de progresso, de evolução. Enquanto que no símbolo se dá uma regressão.

O significado, a força dinâmica, e segundo Jones "a razão para a existência mesma do símbolo" (p. 141), derivam do primeiro grupo dos complexos inconscientes. Mas, a força causativa do símbolo não é apenas uma, a inconsciente, mas sim, existe uma força repressora, sendo o resultado das duas forças, o símbolo. Podemos falar que existe uma idéia e um afeto inibidos por uma força repressora, ao mesmo tempo existe uma força de desejo que deseja emergir, sendo a força derivada desse desejo, essencial na produção do símbolo, mas o símbolo é a resul-

tante de uma condensação entre as duas forças.

Jones diz que a função essencial de todo simbolismo é de superar a inibição que esconde a expressão livre de uma "idéia-afeto". Também, é uma regressão a um modo simples de apreensão. Quando a regressão é pequena, permanecendo no consciente ou no pré-consciente o resultado é uma metáfora. Mas, quando ocorre uma regressão profunda, ao nível do inconsciente, a resultante é um símbolo.

Jones, também afirma que quando ocorre uma pequena sublimação o resultado é o símbolo, enquanto que a metáfora se dá através de um afeto que é super sublimado. Logo, podemos dizer que o símbolo se caracteriza por uma regressão até o inconsciente e por uma pequena sublimação. E a metáfora resulta de uma regressão pequena, que vai até o pré-consciente, e de uma sublimação maior.

O símbolo é então para Jones uma manifestação da linguagem primitiva, imagética, ligada a uma regressão ao inconsciente.

Segundo Lorenzer (27), Jones definiu durante muito tempo para a psicanálise o que deveria se entender por símbolo. Afirma que falta no trabalho de Jones, um aspecto mais crítico: "... não espere do trabalho de Jones uma explicitação conceitual exata, senão o tome como o que é: uma definição da função dos símbolos na situação psicanalítica e indicações para a interpretação" (p.33). Mas, não concordamos total-

mente com a argumentação de Lorenzer, pois Jones não só definiu o símbolo, mas pesquisou a sua dinâmica, trazendo novamente à luz a importância do inconsciente e da repressão na formação do símbolo no sentido psicanalítico.

CONCLUSÃO

A partir da verificação de obscuridades e ambiguidades em relação ao conceito de símbolo na psicanálise clássica, procuramos, neste ensaio examinar, exhaustivamente os trabalhos de Freud sobre as formações simbólicas, individuais e universais nos sonhos e nas neuroses, nos mitos e na linguagem.

Buscamos esta classificação percorrendo o caminho traçado por Freud, através de estudo progressivo de seus trabalhos relacionados com o tema. Orientamos as nossas pesquisas e reflexões, baseados na leitura de obras filosóficas como as de Foucault (5), Ricoeur (29), Langer (25) e Cassirer (3), e nossos achados, com os resultados das investigações de autores como Rank e Sachs (28), Jones (23) e Lorenzer (27), que trouxeram contribuições relevantes para a discussão do conceito freudiano de símbolo.

Neste percurso encontramos as seguintes contribuições que nos auxiliaram na investigação proposta:

1 - Os trabalhos de Foucault (5) e Ricoeur (29) que nos orientaram no encontro do sentido etimológico do símbolo: um sinal de reconhecimento construído por duas partes de um objeto partido que se aproximam; e um enigma, que estimula a inteligência a buscar a sua solução através da descoberta de seu duplo sentido.

2 - As concepções de Langer (25) expostas em seu livro "Filosofia em Nova Chave", destacando entre elas:

- (a) A tese de que a simbolização é uma necessidade primária da mente humana, sendo anterior ao pensamento, e podendo ser utilizada como instrumento do mesmo.
- (b) O argumento de que a passagem do uso de signos para o uso de símbolos representa o marco diferencial entre o animal e o homem, permitindo o surgimento da linguagem. O símbolo é um veículo para a concepção do objeto, lidando com a ausência, enquanto o signo anuncia o objeto, demandando uma ação.
- (c) A proposta extremamente relevante da existência de duas formas de simbolismo — o apresentativo e o discursivo — proposta que é discordante da tendência geral de considerar símbolo somente o que é verbal. O simbolismo apresentativo corresponde ao modo direto e simultâneo de apresentação, encontrado nos sonhos, mitos, lendas, religião etc.

3 - As argumentações filosóficas de Cassirer que

pretendem demonstrar que a realidade das coisas não é diretamente dada, qualquer processo de enformação intelectual não chega captar a própria realidade, recorrendo ao símbolo para representá-la. O mito, o sonho, a linguagem, a arte, como também qualquer conhecimento teórico são "mera fantasmagoria" , pois a autêntica natureza das coisas não pode ser percebida e atingida.

4 - O exame crítico das contribuições de Freud:

- (a) Nos capítulos iniciais de "A Interpretação de Sonhos" (10) Freud faz uma revisão das técnicas de interpretação dos povos da antiguidade, que viam o sonho como de origem sobrenatural.
- (b) Cita dois métodos diferentes, a interpretação de sonho simbólica, que se caracteriza pela substituição do conteúdo do sonho como um todo para outro conteúdo inteligível e análogo ao original; e o método de decifração, onde cada elemento do sonho é traduzido por outro elemento de significação conhecida conforme uma chave fixa.
- (c) Embora Freud se aproxime da técnica antiga de decifração, afastando-se da in

terpretação simbólica, que levanta a possibilidade do símbolo ser excluído do campo de análise, retoma-o, novamente, com Scherner, autor que ele critica por sua arbitrariedade e falta de cientificidade no processo de interpretação.

- (d) Apresenta, finalmente, uma técnica combinada que se baseia (i) na associação livre do indivíduo que sonha e (ii) no conhecimento do simbolismo universal, por parte do interprete do sonho.
- (e) Ao estudar os "sonhos típicos" Freud começa a reexaminar a idéia da existência de símbolos universais, modos de representação indireta caracterizados pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente, encontrados não só no mesmo indivíduo, como em toda humanidade, e, também, em outros campos, como no mito, religião, lendas, linguagem, folclore, etc.
- (f) O simbolismo também é individual, construído pelo indivíduo a partir do seu material inconsciente. Os símbolos mênicos e as simbolizações, qualificações

do sintoma histérico, são símbolos individuais, já que expressam através do sintoma histérico, que mascara a idéia inconsciente reprimida, a problemática do indivíduo.

- (g) Para explicar a origem da relação entre o simbolismo e a sexualidade, Freud se apóia no estudo do filósofo Sperber que demonstra que de início, no homem primitivo, a linguagem tinha caráter exclusivo sexual, mas através da evolução do homem e da sua relação com o trabalho, foi, gradativamente, se separando do significado sexual. Assim, a relação simbólica é remanescente de uma antiga identidade verbal.

5 - Como estudiosos da obra freudiana, Rank e Sachs, Jones e Lorenzer nos proporcionam importantes contribuições para o conhecimento do simbolismo na psicanálise. Rank e Sachs distinguem o símbolo de outros tipos de representação indireta, como a metáfora, sendo uma formação de compromisso entre determinantes conscientes e inconscientes.

Jones parte de alguns atributos para precisar a conceituação de símbolo. A partir deles sua teoria de simbolismo se organiza. O símbolo seria representante de outra idé

ia inconsciente, sendo que o fluxo de significação é dado da idéia inconsciente para a idéia substituta, devido a representação, que impede que o afeto-idéia inconsciente penetre na consciência e possa assim se expressar livremente. A representação se dá a partir do símbolo ter algo comum com o elemento simbolizado, resultando no fenômeno da identificação, que é base de qualquer simbolismo. O símbolo é mais condensado que a idéia simbolizada. Os modos simbólicos de pensamento são os mais primitivos, isto é, o simbolismo é resultado de uma regressão a um estágio inicial de desenvolvimento. Jones, também, relaciona o símbolo com a sublimação. Ambos são resultados de formações de compromisso entre conteúdos conscientes e inconscientes, embora a sublimação, seja uma solução de progresso, enquanto o símbolo, uma solução regressiva; chegando a seguinte conclusão: o símbolo se caracteriza por uma regressão profunda até o inconsciente, e por uma pequena sublimação, enquanto a metáfora resulta de uma regressão pequena que vai até o pré-consciente e de uma sublimação maior.

Da discussão das contribuições examinadas extraímos as seguintes conclusões:

1 - Até hoje o símbolo guarda em si a noção de enigma, de falta de sentido, de duplo sentido, sendo que a psicanálise freudiana, também, tenta solucionar o enigma através da interpretação.

2 - Através das considerações de Langer alcança

mos um conhecimento mais claro e profundo do sentido psicanalítico de símbolo:

- (a) Sendo a simbolização uma necessidade básica da mente humana, uma compulsão, um instinto, e por conseguinte, segundo Freud, uma tendência de restaurar um estado anterior, podemos chegar a conclusão de que o simbolismo universal atende a esta necessidade de restauração de um estado primitivo em cada indivíduo, daí a sua universalidade.
- (b) O homem, ao diferir do animal pela sua forma própria de usar signos, através da representação na qualidade de símbolos, torna o sintoma capaz de ser interpretado, pois ele não sinaliza apenas um evento, mas sim, adquire um novo significado, tornando-se símbolo de um conflito psíquico encoberto no inconsciente. O conhecimento da sintomatologia da histeria pode ser alcançado através do estudo do sentido do símbolo nesta neurose.
- (c) O símbolo mnêmico e o simbolismo universal são expressões do simbolismo a-

presentativo, enquanto que as simbolizações e a negativa correspondem ao simbolismo discursivo.

3 - A afirmação de Cassirer da não-existência de uma verdade absoluta, e sim de verdades relativas, pode ser utilizada como solução para os problemas levantados por Lorenzer, da ontologização do inconsciente, pois relativiza o inconsciente apesar da presença de símbolos universais, e Jones, da não consideração da incapacidade de discriminação como elemento importante para explicar a formação do símbolo, já que é impossível captar a natureza própria das coisas, ocorrendo, neste processo, uma deformação.

4 - A psicanálise freudiana traz nova luz para as disciplinas que estudam o símbolo:

(a) Os trabalhos de Freud sobre o simbolismo retomam questões antigas relacionadas ao problema da interpretação. A interpretação (Deutung) pertence ao pensamento simbólico e a seu duplo sentido, parte do conteúdo manifesto para encontrar o conteúdo oculto, o significado escondido no inconsciente. O estudo da interpretação não pode ser separado do estudo do símbolo, em toda interpretação esbarramos em conteúdos mudos, os

símbolos. A interpretação do simbolismo valoriza o lugar do intérprete, é o que conhece o significado do símbolo, so lucionando o enigma. O intérprete é um remanescente da história do simbolismo.

- (b) O símbolo universal não é resultante do trabalho do sonho, o sonho se serve do simbolismo já pronto na ideação inconsciente.
- (c) O simbolismo individual é resultado do trabalho do sonho, sendo construído a partir das características próprias do indivíduo.
- (d) Freud aproxima o sonho a outras formas simbólicas. O símbolo se expressa no sonho de forma apresentativa, o verbal se transforma pela regressão no não-verbal, a linguagem se transforma em imagens.
- (e) A relação simbólica, entre o símbolo e o simbolizado, se baseia numa linguagem primitiva, embora o simbolismo se expresse no sonho em imagens visuais.

5 - A conceituação de simbolismo torna-se menos obscura através do estudo realizado, principalmente, por Jones, dos mecanismos presentes na formação do símbolo. Só pode ser simbolizado aquilo que está reprimido, sendo que o símbolo e a sublimação se interligam na capacidade de simbolizar, para mais e para menos, ocupando limites estreitos.

Podemos concluir que a ambiguidade do símbolo não decorre da ausência de sentido, e sim da superposição de múltiplos sentidos. Uma vez que o símbolo é superdeterminado ele pode ser superinterpretado.

BIBLIOGRAFIA

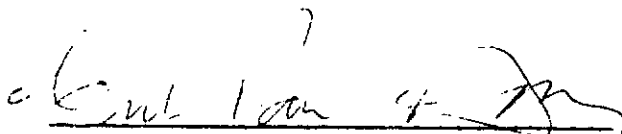
- 1) A Bíblia Sagrada, trad. de J.F.Almeida, Rio de Janeiro - Editora Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.
- 2) Buhler,K. Sprachtheorie, Stuttgart, 2^a ed., 1965, cit. in Lorenzer (27).
- 3) Cassirer,E.Linguagem e Mito, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- 4) Ferenczi,S. Contributions to Psycho-Analysis, Boston,1966, cit. in Jones (23).
- 5) Foucault,M. Conferencia II, in A Verdade e as Formas Jurídicas, Série Letras e Artes 06/74,Caderno n^o 16, P.U.C. , Rio de Janeiro, Divisão de Intercâmbios e Edições, 1974.
- 6) Freud,S. Rascunho K , in Edição Standard Brasileira, Vol . I, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 7) ——— Projeto para uma Psicologia Científica,1895, in Edição Standard Brasileira, Vol. I, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1974.
- 8) ——— Estudos sobre a Histeria, 1893-95, in Edição Standard Brasileira, Vol. II, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1974.

- 9) ————— As Neuropsicoses de Defesa, 1894, in Edição Standard Brasileira, Vol. III, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 10) ————— A Interpretação de Sonhos, 1900-1, in Edição Standard Brasileira, Vol. IV e V, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1972.
- 11) ————— Sobre os Sonhos, 1901, in Edição Standard Brasileira, Vol. V, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1972.
- 12) ————— A Psicopatologia da Vida Cotidiana, 1901, in Edição Standard Brasileira, Vol. VI, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 13) ————— Cinco Lições de Psicanálise, 1910, in Edição Standard Brasileira, Vol. XI, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1970.
- 14) ————— Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides), 1911, in Edição Standard Brasileira, Vol. XII, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1969.
- 15) ————— A História do Movimento Psicanalítico, 1914, in Edição Standard Brasileira, Vol. XIV, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1974.

- 16) ————— O Inconsciente, 1915, in Edição Standard Brasileira, Vol. XIV, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1974.
- 17) ————— Conferências Introdutórias sobre Psicanálise , Conferência X, 1915-1916, in Edição Standard Brasileira, Vol. XV, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 18) ————— Além do Princípio de Prazer, 1920, in Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 19) ————— O Ego e o Id, 1923, in Edição Standard Brasileira, Vol. XIX, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 20) ————— A Negativa, 1925, in Edição Standard Brasileira, Vol. XIX, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- 21) Gruppe, O. Griechische Mythologie und Religionsgeschichte, 1906, Munique, cit. in Freud (10).
- 22) Holt, R.R. Motives and Thought, New York, International Universities Press, 1967, cit. in Lorenzer (27).
- 23) Jones, E. Papers on Psychoanalysis, 5th Ed., London, Ed. Maresfield Reprints, 1977.
- 24) , Lacan, J. O Seminário I, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

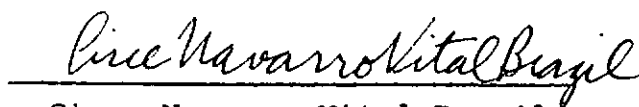
- 25) Langer, S.K. Filosofia em Nova Chave, São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.
- 26) Laplanche, J., Pontalis, J.-B. Vocabulário da Psicanálise, Lisboa, Moraes Editores, 1970.
- 27) Lorenzer, A. Crítica del concepto Psicoanalítico de Símbolo, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- 28) Rank, O. & Sachs, H. Die Bedeutung der Psychoanalyse für die Geisteswissenschaften, 1913, cit. in Jones (23).
- 29) Ricoeur, P. Da Interpretação: Ensaio sobre Freud, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1977.
- 30) Silberer, H. Über die Symbolbildung, in Jahrbuch der Psychoanalyse, Bd. iii, 1909, cit. in Jones (23).

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



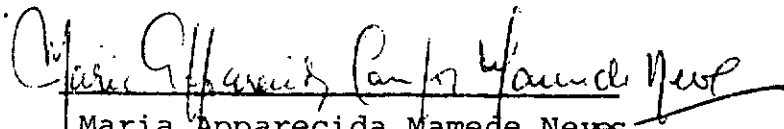
Carlos Paes de Barros (orientador)

PUC/RJ - Depto. Psicologia



Circe Navarro Vital Brasil

PUC/RJ - Depto. Psicologia



Maria Aparecida Mamede Neves

PUC/RJ - Depto. Educação

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1983



Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.